

**MORPHOSYNTAX MORFOSSINTAXE**  
**PORTUGUESE SIGN LANGUAGE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA**  
**AND OTHER SIGN LANGUAGES E OUTRAS LÍNGUAS DE SINAIS**  
**3<sup>RD</sup> MEETING 3<sup>º</sup> ENCONTRO**

**6 – 7 FEVEREIRO 2020**

**LIVRO BOOK**  
**DE RESUMOS OF ABSTRACTS**



Faculdade de Letras | Escola Superior de Educação  
da Universidade do Porto | do Politécnico do Porto  
*Anfiteatro Nobre* | *Auditório*

**MORPHOSYNTAX MORFOSSINTAXE**  
**PORTUGUESE SIGN LANGUAGE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA**  
**AND OTHER SIGN LANGUAGES E OUTRAS LÍNGUAS DE SINAIS**  
**3<sup>RD</sup> MEETING 3<sup>º</sup> ENCONTRO**

**6 – 7 FEVEREIRO 2020**

# **LIVRO BOOK DE RESUMOS OF ABSTRACTS**



**COMISSÃO  
ORGANIZADORA**

Ana Maria Brito  
Celda Morgado  
Inês Oliveira  
José António Costa

Faculdade de Letras | Escola Superior de Educação  
da Universidade do Porto | do Politécnico do Porto  
*Anfiteatro Nobre* | *Auditório*

# Ficha técnica

*título* 3.º Encontro sobre Morfossintaxe da Língua Gestual Portuguesa e outras Línguas de Sinais  
3<sup>rd</sup> Meeting on Morphosyntax of Portuguese Sign Language and other Sign Languages  
(livro de resumos/book of abstracts)

*organizadores* Ana Maria Brito  
Celda Morgado  
Inês Oliveira  
José António Costa

*data* 6 e 7 de fevereiro de 2020

*ISBN* 978-972-8969-35-6

*Edição* Escola Superior de Educação  
Politécnico do Porto  
Rua Dr. Roberto Frias, 602  
4200-465 Porto  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto

*organização e apoios* Faculdade de Letras | Universidade do Porto  
Escola Superior de Educação | Politécnico do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto  
Centro de Investigação e Inovação em Educação  
Fundação Para a Ciência e Tecnologia



## **3.º Encontro sobre Morfossintaxe da Língua Gestual Portuguesa e outras Línguas de Sinais**

## **3<sup>rd</sup> Meeting on Morphosyntax of Portuguese Sign Language and other Sign Languages**

### **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Ana Maria Brito	FLUP; CLUP
Celda Morgado	ESE/P. Porto; CLUP; inED
José António Costa	ESE/P. Porto; CLUP; inED
Inês Oliveira	ESE/P. Porto; CLUP; inED
Joana Querido	ESE/P. Porto; inED
Jorge Pinto	ESE/P. Porto
Miguel Santos	ESE/P. Porto; inED
Susana Martins	ESE/P. Porto

### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Adriana Baptista	ESMAD/ P. Porto
Aline Lemos Pizzio	UF Santa Catarina
Ana Fernández Soneira	U. Vigo

Ana Mineiro	U. Católica
Brendan Costello	Basque Center on Cognition, Brain and Language
Carlo Cecchetto	Università degli Studi di Milano-Bicocca
Carmen Cabeza	U. Vigo
Dannytza Serra Gomes	Universidade Federal do Ceará
Inmaculada Báez Montero	U. Vigo
Isabel Galhano	FLUP/CLUP
Jair Silva	UFAL, FALE
José Maria Garcia-Miguel	U. Vigo
Manuela Sanches Ferreira	ESE/P. Porto
Meltem Kelepir	Boğaziçi University
Miguel Santos	ESE/P. Porto
Orquídea Coelho	FPCEUP
Ronice Quadros	UF Santa Catarina
Sandra Faria-Nascimento	U. de Brasília

Os resumos, em cada secção, (conferências, comunicações e pósteres) estão organizados por ordem alfabética do último nome do primeiro autor.



# ÍNDICE

NOTA PRÉVIA.....	10
FOREWORD.....	12
CONFERÊNCIAS.....	14
Exclusive indefinite arguments in Turkish Sign Language (TİD) and the function of space ..	16
Dapantomina aogestolexicalizado: o que uma língua emergente nos pode dizer acerca da gramaticalização dos gestos ..	18
COMUNICAÇÕES .....	20
Desafios em face do Desenvolvimento de um Dicionário de Libras Monolíngue Eletrônico: uma Pesquisa em Andamento .....	22
Iconicidade na Libras: quando e como se realizam? .....	28
Línguas De Sinais em Contato no Ambiente Educacional: desafios e perspectivas do povo surdo em contexto fronteiriço .....	31
Contact between sign languages: a soci-language study on ode-switching in Brazil and Venezuela .....	33
Polypredicative Constructions Marking Simultaneity in Russian Sign Language .....	35
Espacialização nas Interações entre surdos em língua gestual portuguesa (LGP) e Língua brasileira de sinais (Libras): uma abordagem do desenvolvimento do tópico discursivo em ambientes naturais .....	38
Variação Diacrónica na Fonologia da Língua Gestual Portuguesa no Conto “Capuchinho Vermelho” .....	40
La variabilidad léxica de los colores y los números entre los informantes de coral se .....	43
A aquisição das apontações pronominais em libras .....	46
Aspectos morfosintáticos e semânticos das relações de causalidade em orações complexas da língua brasileira de sinais .....	47
O ensino do português escrito como segunda língua: uma análise sintaxe da LIBRAS e seus tempos verbais .....	51
Argument structure in the emerging sign language of Guinea-Bissau .....	54
Entre o gesto e a glosa: Critérios de categorização de classes de gestos de um <i>corpus</i> de referência da Língua Gestual Portuguesa .....	57

CARRO PARQUE ESTAR, ELE PÂNICO and EU CASA FICAR: <i>Estar</i> and <i>Ficar</i> in Portuguese Sign Language and European Portuguese.....	60
Estrutura e funcionamento morfossintáticos de compostos em linearidade na LGP .....	64
The role of facial expression in size and shape specifiers .....	68
Os efeitos da Modalidade em Unidades Lexicais Sinalizadas Classificadoras: uma análise FONOMORFOSSINTÁTICA da Língua de Sinais Brasileira .....	70
O plural de nomes reduplicados na Libras .....	76
Reduplicação na língua brasileira de sinais.....	79
Influência da morfossintaxe da língua brasileira de sinais na escritura em língua portuguesa como I2 de candidatos surdos ao ensino superior no brasil.....	82
Análise da referenciação na libras em contraste com a LSE .....	85
The non-specific indefinite article in LIBRAS.....	88
Observando aspectos de nomes e verbos da Libras de maneira morfossintática.....	92
Produção morfossintática em LIBRAS: ensino e avaliação a ouvintes sinalizantes de I2.....	95
<b>PÓSTERES .....</b>	<b>98</b>
Promoção da acessibilidade em sites institucionais: uma experiência no instituto federal da paraíba.....	100
A relação entre o professor surdo e o aluno ouvinte dentro da universidade e instituto: um olhar através da Linguística Aplicada.....	104
Nomes e Verbos na Língua Brasileira de Sinais: uma reflexão sobre as características distintas.....	107
O corpo como elemento anafórico.....	111
A alteração de subtraços do movimento e os processos flexionais e derivacionais em LIBRAS.....	113

# NOTA PRÉVIA

Como tradição, o 3.º Encontro sobre Morfossintaxe da Língua Gestual Portuguesa e outras Línguas de Sinais resulta de uma organização conjunta do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP) e do Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED) e, mais uma vez, ocorre nos espaços da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto (ESE-IPP), nos dias 6 e 7 de fevereiro de 2020, respetivamente.

As duas edições anteriores deste evento (2015 e 2018) contaram com diversos conferencistas convidados, que se dedicam à investigação em diferentes línguas gestuais e múltiplas áreas. Destes dois eventos resultaram três publicações, uma da Revista *Linguística*, *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* (volume 11) e duas da revista *Sensos* (*Sensos*, vol 12 e *Sensos –e*, edição temática 2019), uma revista multidisciplinar no âmbito da Educação publicada pelo inED/ESE-IPP.

Congratulamo-nos com a realização da terceira edição do mesmo evento, verificando que continua a despertar o interesse de investigadores nacionais e internacionais. Nesta edição, temos o prazer de receber como convidadas a Doutora Meltem Kelepir, da Boğaziçi University, e de voltar a receber a Doutora Ana Mineiro, da Universidade Católica Portuguesa. Para além das conferências, estes dois dias do encontro disponibilizam outro tipo de trabalhos que se ocupam de diversos assuntos no âmbito dos temas do encontro. São os resumos das duas conferências, das comunicações orais e também dos pósteres que se apresentam a seguir.

A Comissão Organizadora espera assim contribuir para o avanço do conhecimento sobre as Línguas Gestuais e para a continuidade da criação de uma rede de conhecimento e contactos entre investigadores, capaz de desenvolver novas iniciativas nesta área.

Porto, janeiro de 2020

Pela Comissão Organizadora,

Ana Maria Brito (FLUP; CLUP)  
Celda Morgado (ESE/P. Porto; CLUP; inED)  
José António Costa (ESE/P. Porto; CLUP; inED)  
Inês Oliveira (ESE/P. Porto; CLUP; inED)



# FOREWORD

As tradition, the 3<sup>rd</sup> Meeting on Portuguese Sign Language Morphosyntax and other Sign Languages results from a joint work of the Center of Linguistics of the University of Porto (CLUP) and the Center for Research and Innovation in Education (inED) of the School of Education (ESE) of the Polytechnic of Porto, and, once again, it takes place at the Faculty of Arts and Humanities of University of Porto and the School of Education of the Polytechnic of Porto, on February 6-7, 2020.

The two previous editions of this event (2015 and 2018) were attended by several speakers who are dedicated to research in different sign languages and multiple areas. These two events resulted in three publications. A selection of talks and papers was published in *Linguística, Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* (volume 11) and in two volumes of *Sensos* (*Sensos*, vol 12 and *Sensos-e*, 2019), a multidisciplinary journal published in the field of Education by inED / ESE-IPP.

We welcome the third edition of the same event, noting that it continues to attract the interest of national and international researchers. In this issue, we have the pleasure of having with us Prof. Meltem Kelepir, from Boğaziçi University, Turkey, and to welcome Prof. Ana Mineiro, from the Portuguese Catholic University. In addition to our invited speakers, the two days of the event provide other types of work dealing with various topics within the scope of the meeting. In the following pages we present the abstracts of the two invited talks, of oral communications and also of posters.

The Organizing Committee hopes to contribute to the advancement of knowledge about sign languages and to the continuation of a network of knowledge and contacts between researchers, being able to develop new initiatives in this area.

Porto, January 2020

Committee Organizing,

Ana Maria Brito (FLUP; CLUP)  
Celda Morgado (ESE/P. Porto; CLUP; inED)  
José António Costa (ESE/P. Porto; CLUP; inED)  
Inês Oliveira (ESE/P. Porto; CLUP; inED)



# CONFERÊNCIAS



# Exclusive indefinite arguments in Turkish Sign Language (Tİ D) and the function of space

Meltem Kelepir

Boğaziçi University

Sign languages are known to exhibit clusivity distinctions in first person plural personal pronouns such as WE and TWO.OF.US where inclusive pronouns include the addressee and exclusive pronouns exclude the addressee (Cormier, 2012: 233). Inclusive pronouns are signed in the central signing space and exclusive pronouns are signed in the lateral signing space.

In this talk I argue, based on observations on Turkish Sign Language (Tİ D), that clusivity distinction is not limited to personal pronouns, but should also be extended to indefinite pronouns with the meaning 'someone'. The contrast in interpretation can be expressed roughly as being between "someone who is other than you and possibly other people in the location of the utterance" vs. "someone who is from among the group of people in the location of the utterance".

I show that Tİ D expresses exclusiveness of indefinite pronouns with two means: lexically, with a determiner glossed as OTHER, and spatially, by signing an indefinite pronoun without such determiner, ONE, in the lateral signing space. This contrasts with the same indefinite pronoun signed in central space, which is interpreted as inclusive. Similar facts are observed with agreement.

One important implication of these findings is that regardless of the context, certain components of signing space function as the implicit restrictions of quantificational elements, in this case indefinites. These observations are discussed in relation to the findings on languages such as ASL and LSC in works such as Barberà (2012) and Davidson & Gagne (2014) (see also Schlenker et al., 2013, for LSF).

## The SIGN-HUB Project

This project aims at preserving, researching and fostering the linguistic, historical and cultural heritage of European Deaf signing communities with an integral resource. To achieve this aim, researchers from France, Germany, Israel, Italy, Spain, The Netherlands and Turkey are building an online platform which will have the following major components:

- online grammars of sign languages
- an atlas of sign languages
- tools for sign language assessment
- a digital archive of elderly signers' linguistic and cultural heritage

This is a 4-year project which started in April 2016 and will be completed in March 2020. It is funded by the European Commission within Horizon 2020 Reflective Society 2015, Research and Innovation actions, under grant agreement No 693349. More information can be found here: <http://www.sign-hub.eu/>

## References

- Barberà, G. 2012. *The meaning of space in Catalan Sign Language (LSC): Reference, specificity and structure in signed discourse*. PhD dissertation, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.
- Cormier, K. 2012. Pronouns. In R. Pfau, M. Steinbach & B. Woll (eds.), *Sign languages. An international handbook* (227–244). Berlin: De Gruyter Mouton.
- Davidson, K., & Gagne, D. (2014). Vertical representation of quantifier domains. In U. Etxeberria, A. Falas, A. Irurtzun & B. Leferman, *Proceedings of Sinn und 31 Bedeutung*, (18), 110–127.
- Schlenker, P., Lamberton, J., & Santoro, M. (2013). Iconic Variables. *Linguistics & Philosophy*, 36(2), 91–149.

# Da pantomina ao gesto lexicalizado: o que uma língua emergente nos pode dizer acerca da gramaticalização dos gestos

Ana Mineiro

UCP-CIIS

A lexicalização de um gesto de acordo com os parâmetros gramaticais próprios das línguas gestuais faz-se num continuum de tempo e não numa eclosão imediata aquando do contacto entre surdos que partilham uma mesma modalidade linguística.

Antes da lexicalização do gesto, o mesmo passa por diversas fases que iremos, ao longo, desta conferência explorar utilizando exemplos da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe.



# COMUNICAÇÕES



# Desafios em face do Desenvolvimento de um Dicionário de Libras Monolíngue Eletrônico: uma Pesquisa em Andamento

Jorge Bidarra

UNIOESTE

Tânia Martins

UNIOESTE

A dicionarização dos itens lexicais que compõem o vocabulário de uma língua nem sempre é uma tarefa fácil para os lexicógrafos/dicionaristas. Com efeito, quando se trata de léxicos de uma maneira geral e de dicionários de modo particular, o que já se sabe é que, muito além do registro dos significados que um item lexical pode assumir em contexto e das informações gramaticais básicas a ele associados (p.ex., classe gramatical, gênero, número, grau e transitividade verbal), outros tipos de informação também precisam ser levados em conta, notadamente quando o objetivo é ter um dicionário não apenas informativo ao nível antes mencionado, mas, ao mesmo tempo, bem organizado e devidamente estruturado, de modo dar conta das diferentes consultas que poderão ser feitas pelos seus usuários. Os esforços que vêm sendo feitos nesse sentido pelos especialistas, tanto em relação às línguas orais (Hartmann, 1983; Hartmann,&James 2001; Wiegand, 1984; Bugueño Miranda, 2011, Bugueño Miranda&Borba, 2019; Ogilvie&Safran, 2019), quanto no âmbito das línguas de sinais (p.ex., Mckee&Mckee, 2012 – DNZSL; Zwitterlood, 2010 – SUVI; Baltazar, 2010 – DGLP) têm dado resultados bastante interessantes. Não obstante os avanços alcançados, o fato é que, se não todas, é ainda verdade que uma parte significativa das discussões levadas a termo até então se têm concentrado nas línguas orais.

O que trazemos aqui para o debate são alguns resultados, ainda parciais, de uma pesquisa que estamos desenvolvendo com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), língua usada como meio oficial de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. A partir de uma investigação mais aprofundada sobre a morfologia dos sinais que compõem o léxico da Libras, buscamos identificar e analisar não só os mecanismos linguístico-morfológicos que atuam sobre eles, mas também os tipos de relacionamentos que, assim como acontece com as palavras (Cançado, & Godoy, 2009; Hale&Keyser, 2002, 1993; Levin&Rappaport Honav, 2005; Grimshaw, 1990), manifestam-se entre os níveis morfológico, sintático e semântico que se inserem em suas estruturas lexicais.

Partindo desse ponto, o que pretendemos é propor um modelo de organização e estruturação de um léxico que nos permita, futuramente, implementar um dicionário monolíngue eletrônico de Libras. Com isso em mente, via o cotejo dos dicionários de Libras já publicados no Brasil, dentre os quais o de Gama (1875), Oates (1969), Felipe et. al. (2005), Faria-Nascimento (2009), Oliveira et. al. (2011, 2015), e Capovilla et. al. (2001, 2017), dois pontos nos chamaram a atenção. O primeiro deles foi o fato de serem todos bilíngues. O segundo, esse o de maior interesse em nossa pesquisa, foi verificarmos que para nenhum dos produtos parece ter havido por parte dos seus projetistas outro tipo de preocupação que não a de permitir ao usuário descobrir qual o sinal na Libras que corresponderia à palavra pesquisada, ou vice-versa.

Ora, tendo em vista que todo dicionário bilíngue dispõe, minimamente, desse recurso, claro está que se esse for o tipo de consulta desejada, então a busca será bem sucedida. Contudo, se o indivíduo quiser saber se o uso de um determinado sinal em contexto requer ou não a associação de outros tipos de informação, seja ela, por exemplo, de natureza sintático-lexical e/ou semântico-lexical, nesse caso, não logrará êxito. Dos estudos que há muito vêm sendo realizados com as Línguas de Sinais, dentre eles, apenas para citarmos alguns, os de Stokoe (1960), Battison (1974), Friedman (1975), Baker-Shenk, & Cokely (1980), é ponto pacífico que para se compor um sinal nessas línguas é preciso considerar o envolvimento de cinco parâmetros morfológicos: a configuração de mão (CM), a orientação da palma da mão (OM), o ponto de articulação (L/PA), o movimento (M) e as expressões não-manuais (ENM), podendo essas últimas se manifestarem por meio de expressões faciais, pelos movimentos da cabeça e/ou de outras partes do tronco, para além das mãos.

Lembrando, pois, que o nosso objetivo final é o desenvolvimento de um dicionário monolíngue de Libras (solução que ainda não existente no Brasil), duas questões centrais precisavam de ser resolvidas. Uma delas, definirmos o critério de busca às entradas do dicionário (macroestrutura lexical); a outra, o mapeamento dessas entradas (microestrutura lexical). Quanto ao primeiro ponto, decidimos que a formação da chave de busca é dada pela combinação dos parâmetros CM e OM, com as devidas representações escolhidas pelo próprio usuário, a partir de um conjunto de 75CM e 6OM. Por meio dela, todas as entradas iniciadas no dicionário pela combinação geradora da chave de busca, combinada com os demais parâmetros possíveis, L/PA→M→ENM, nessa ordem, são, então, disponibilizadas para o usuário, cabendo-lhe, agora, selecionar aquela entrada que motivou a sua consulta. Resolvidas essas questões, uma terceira indagação se destaca. A título de ilustração, consideremos aqui o sinal que na Libras é usado para nomear o referente “avião”. A figura 1 nos fornece uma ideia de como esse sinal é executado. Ora, assumindo que o sinal esteja registrado nos dicionários de Libras, e que tudo o que o usuário

deseja saber a seu respeito é, como dissemos antes, qual o sinal de avião na Libras, pronto, lá estará ele. Mas, como também já dissemos, se a informação buscada vai além disso, então precisamos saber, primeiro, o que ele busca, e, além disso, o que os projetistas dos dicionários que ele eventualmente consultou precisariam ter feito para atender a sua demanda. Levantado, pois, esse último requisito, qual é a questão central? De tudo o que já falamos até aqui, sabemos também que, nas línguas de sinais, o modo como um parâmetro se manifesta durante uma determinada sinalização pode desempenhar um papel não apenas em relação à morfologia, mas também para o funcionamento gramatical da língua (sobre esse assunto, ver, p.ex., Quadros, & Karnopp, 2004). Pois, bem, retomando o exemplo do avião, mas agora tomando-se para rápida análise apenas o parâmetro movimento da mão, nossa indagação passa ser a seguinte: que papel(is) esse movimento poderia de fato desempenhar no momento da sinalização? Senão, vejamos. Se compararmos a sinalização fornecida pela figura 1 com aquela ilustrada na figura 2, o que facilmente podemos perceber é que na segunda ilustração houve uma pequena, por assim dizer, alteração no modo como o sinal se realiza. Com efeito, enquanto em (1), o movimento é retilíneo, projetando-se para frente, em relação ao corpo do sinalizador, em (2), o movimento passa descrever uma curva parabólica ascendente, mantendo-se o que dissemos na situação anterior. O que nos perguntamos, então? O fato de ter havido essa mudança no movimento teria ou não gerado um novo sinal? O que as análises que temos feito sobre outros sinais, que como esse se comportam, nos têm apontado é o seguinte: mesmo com essa mudança, ela não foi suficiente para modificar o referente, ou seja, tanto em (1), quanto em (2), o que temos é o sinal de avião. Mas, então, se essa modificação não se resume à morfologia do sinal, a que mais ela se refere? Ainda que não nos sintamos autorizados, ou melhor, devidamente seguros para afirmarmos o que vamos dizer agora, para nós, tudo leva a crer que, no caso presente, há claramente uma relação direta envolvendo a própria morfologia do sinal com aspectos relacionados à sintaxe da língua. Partindo desse ponto, o nosso objetivo com essa comunicação é não só apresentarmos um pouco mais da nossa pesquisa, mas também aproveitarmos a oportunidade para discutirmos com os colegas o assunto em tela, o que, com toda a certeza, nos trará relevantes contribuições, bem como sugestões importantes para o sucesso dessa nossa empreitada.

Figura 01: Sinal em Libras para AVIÃO



Figura 2: AVIÃO-DECOLAR (notação em glosa-Libras)



Fonte: arquivo dos autores

Palavras-chave: Libras; Lexicografia; Relações Sintáticas-Lexicais; Dicionário Monolíngue.

#### Referências bibliográficas

- Baker-Shenk, C.L., & Cokely, D. (1980). *American Sign Language: A Teacher's Resource Text on Grammar and Culture*. Silver Spring: T.J. Publishers.
- Baltazar, A. B. (2010). *Dicionário de Língua Gestual Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Battison, R. (1974). Phonological deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, 5, 1-19.
- Bugueño Miranda, F. (2011). Panorama da lexicografia brasileira de orientação semasiológica. In E. Battisti, G. Collischonn (Org.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação* (173-206). Pelotas: EDUCAT.
- Bugueño Miranda, F., & Borba, L. C. (Org.) (2019). *Manual de (meta)lexicografia* (1ª ed.). Goiânia: Editora Espaço Acadêmico.
- Cançado, M., Godoy, L. (2009). Relacionando as estruturas semântico-lexical e sintático-lexical. *Artigo apresentado no Encontro do GT de Teoria da Gramática ANPOLL*. UNB.
- Da Gama, F. J. (1875). *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert.
- Faria do Nascimento, S. P. (2009). *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira*. Tese PPGL. Brasília: UNB.
- Felipe, T.A., & Lira, G. A. (2005). *Dicionário digital da língua brasileira de sinais*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/>.
- Felipe, T.A., & Lira, G. A. (2005). GP-Libras-FENEIS. *Dicionário da Libras*. CD-ROM. Disponível em: <http://www.librasemcontexto.org>
- Friedman, L. A. (1975). Phonological Processes in the American Sign Language. In *The First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkley: University of California.
- Grimshaw, J. (1990). *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.
- Hale, K., & Keyser, S. (2002). *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.

- Hale, K., & Keyser, S. (1993). On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In K. Hale, & S. Keyser (eds.), *The View from Building 20* (53-109). Cambridge: MIT Press.
- Levin, B., & Rappaport Honov, M. (2005). *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Capovilla, F. C., & Raphael, W. D. (2001). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras*. São Paulo: Edusp.
- Capovilla, F. C., Raphael, W. D., Temóteo, J. G., & Martins, A. C. (2017). *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Hartmann, R. R. K. (1983). *Lexicography: Principles and Practice*. London, Tokyo: Academic Press INC.
- Hartmann, R. R. K., & James, G. (2001). *Dictionary of lexicography*. London: Routledge.
- Ogilvie, S., & Safran. (Org.) (2019). *The Whole World in a Book Dictionaries in the Nineteenth Century*. (1ª ed.). Oxford: University Press.
- Oates, E. (1969). *Linguagem das mãos*. Aparecida do Norte: Santuário.
- Oliveira, J. S. (2015). *Análise Descritiva da Estrutura Querológica de Unidades Terminológicas do Glossário Letras-Libras*. Tese 425, Florianópolis: UFSC.
- Oliveira, J. S., & Stumpf, M. R. (2011). Glossário do Curso Letras-Libras. In IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Rio de Janeiro. Julho, 2011. *Anais do IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*. Disponível em <http://www.alab.org.br/pt/eventos/ix-cbla/59>.
- Mckee, R. L., & Mckee, D. (2012). *Making an Online Dictionary of New Zealand Sign Language*. International Conference of the African Association for Lexicography (AFRILEX), University of Pretoria, Pretoria, South África, 2-5 July 2012.
- Quadros, R.M., & Karnopp, L. (2004). *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. ArtMed.
- Stokoe, W.C. (1960). Sign language structure: an outline of the visual communication system of the american deaf. *Studies in Linguistics: Occasional Papers*, (8).

Wiegand, H.E. (1984). On the Structure and Contents of a General Theory of Lexicography. In Hartmann, R.R.K (Ed.). LEXeter '83 Proceedings. Papers from the International Conference on Lexicography at Exeter, 9–12 September 1983, (13–30). Tübingen: Max Niemeyer.

Zwitserslood, I.(2010). Sign Language Lexicography in the Early 21st Century and a Recently Published Dictionary of Sign Language of The Netherlands. *International Journal of Lexicography*, 443–476.

# Iconicidade na Libras: quando e como se realizam?

Rosana Constâncio

EaD/ UFGD

Jorge Bidarra

UNIOESTE

Embora a Libras venha sendo investigada há algum tempo, com a promulgação da Lei Federal n. 10.436/02, regulamentada pelo Decreto n. 5.626/05, em que passou a ser reconhecida oficialmente como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira e, portanto, legitimada em território nacional, o interesse dos pesquisadores, linguistas ou não, pela língua em seu funcionamento vem se intensificando cada vez mais. Das práticas educacionais aos fenômenos linguísticos a ela relacionados, os avanços no campo dos estudos linguísticos obtidos até então são notáveis. Todavia, há, sem dúvida alguma, muitas questões que ainda precisam ser esclarecidas e aprofundadas, uma delas dizendo respeito à natureza dos sinais que compõem o seu léxico.

Embora para muitos a Libras não passe de uma manifestação mímica ou pantomímica, uma generalização muito provavelmente motivada pela ocorrência de sinais que, por vezes, remetem à forma ou pelo menos a alguma característica das entidades às quais se referem, o fato é que nem todos os sinais apresentam esse mesmo comportamento. Buscando refletir um pouco mais sobre esse assunto, a pergunta central que fazemos é a seguinte: Seria realmente verdade que os sinais da Libras sejam tão somente gestos, nada mais do que isso? Em outras palavras, seria correto afirmarmos que esses sinais de fato não se submetem a qualquer tipo de restrição morfossintática? Para as nossas discussões, apoiamo-nos, não apenas, mas principalmente, em Taub (1997, 2000, 2001), Klima e Bellugi (1979), Cuxac(1993, 1999, 2003), Sallandre, (1999, 2003, 2006, 2007), que defendem que tanto as línguas orais como língua de sinais possuem semelhanças em suas propriedades linguísticas. De acordo com eles, para que possamos discutir adequadamente o funcionamento das línguas de sinais, especialmente em relação a esse tópico, necessário se faz, antes de tudo, que vejamos a iconicidade como uma “noção operatória”, a partir da qual os sinais estabelecem uma relação de semelhança com seu referente, possibilitando sentido para e com o outro.

A partir das investigações, Tai (2001, 2005) e Su (2004), para a Língua de Sinais Taiwanês, chegam à conclusão de que as motivações que sustentam a presença de sinais icônicos nessa língua ocorrem de quatro modos, a saber: (i) imagética, situação em que quando por meio das configurações assumidas por uma ou pelas duas mãos é possível identificar sem maiores dificuldades a que entidade o sinal se refere, isto é, o significado é evidente e pode ser imediatamente identificado, mesmo sem o conhecimento da língua de sinais; (ii) diagramática, manifestação que se dá pela localização. Em tal circunstância, segundo esses autores, são descartadas as relações sistemáticas de signos que são análogos aos de seus referentes; por exemplo, na Libras, o sinal de ideia, pensar e saber, o significado pode não ser imediatamente identificado, mas podem ser compreendidos na representação do sinal, pois os três são realizados na testa (cabeça) onde realizamos o nosso raciocínio, assim o signo lexical está diagramaticamente representado pela sua localização, configuração de mão, movimento diagramático das mãos; (iii) metafórica, situação em que a iconicidade se manifesta pela orientação das mãos, é usada para expressar conceitos abstratos, por exemplo quando o movimento de mão pode apresentar significados distintos, estando unidas ou separadas, isto é, “fechado” ou “aberto”. O que trazemos para o debate são alguns resultados, ainda parciais, obtidos com o desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado, intitulada “Relações de Arbitrariedade e Iconicidade na composição dos sinais em Libras”.

Com o objetivo não apenas de identificarmos, mas também de analisarmos as circunstâncias que levariam alguns sinais da Libras a assumirem o estatuto de um signo icônico, optamos por uma investigação comparativa e bastante minuciosa, da qual tomam parte, de um lado, os 382 sinais publicados em *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino José da Gama, no ano de 1875, e de outro, as versões mais atualizadas desses sinais, publicadas em *Linguagem das Mãos*, de Eugênio Oates, no ano de 1969, a obra de *Linguagem de Sinais*, da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, no ano de 1992 e, mais recentemente, *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, LIBRAS*, de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael, no ano de 2001. Até ao momento, o que os dados analisados estão nos revelando que é possível que o mesmo ocorra nos sinais da Libras quanto aos principais parâmetros que formam os sinais: quando se trata de *sinais transparentes/imagéticos* têm em sua constituição os parâmetros configurações de mão, movimento e ponto de articulação; os *sinais translúcidos/diagramáticos* a semântica da representação dos sinais tem como parâmetro de base o ponto de articulação e expressão não-manuais; os *sinais obscuros/metafórico* com ênfase nos parâmetros de configuração de mão, movimento e orientação; *opacidade/arbitrariedade* fruto de uma convenção. Espera-se identificar como se dá o processo de formação e evolução da lingual, considerando a relação de iconicidade e arbitrariedade na Libras.

Palavras-chave: Iconicidade; Parâmetros; Libras.

#### Referências bibliográficas

Capovilla, F. C., & Raphael, W. D. (ed.) (2001). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Gama, F. J. (1875). *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert.

Oates, E. (1969). *Linguagem das Mãos*. Rio de Janeiro: RJ. Gráfica Editora Livro S.A.

Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (1992). *Linguagem de Sinais*. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados: Cesário Lange, SP.

Su, S. – F. (2004). *Iconicity in Taiwan Sign Language*. Unpublished Master Thesis of Graduate Institute of Linguistics in National Chung Cheng University.

Tai, J. H-Y. (2001). *A Study of Taiwan Sign Language: Phonology, Morphology, Syntax and Digital Graphic Dictionary*. National Chung Cheng University. Research Project funded by National Science, Taiwan. 2001 – 2005.

# **Línguas De Sinais em Contato no Ambiente Educacional: desafios e perspectivas do povo surdo em contexto fronteiriço**

Alessandra Cruz

UFR

Felipe Aleixo

UFR

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo trazer uma reflexão sobre o processo pedagógico no ensino-aprendizagem do aluno surdo imigrante nas escolas regulares do município de Boa Vista, no estado de Roraima, extremo-norte brasileiro.

Pretendemos realizar uma breve apresentação da trajetória da Educação de surdos no Brasil e seu contexto no século XXI em estado roraimense. Utiliza-se, neste trabalho, a metodologia de pesquisa bibliográfica e de campo, aliada à experiência e percepções pedagógicas dos autores neste contexto migratório. Crianças e adolescentes surdos devido à crise político-econômica na Venezuela migram para o Brasil, e inseridos nos mais diversos contextos sociais, como o ambiente educacional, enfrentam desafios no processo de aquisição e aprendizagem das novas línguas. O povo surdo imigrante está envolvido diretamente com quatro línguas distintas: as línguas de sinais, Libras e LSV, de modalidade visuoespacial; assim como, o português e o espanhol, línguas de modalidade oral-auditiva, que devem ser apresentadas ao aluno surdo na modalidade escrita. Sem uma política pública de qualidade, a educação de surdos no estado leva alunos, professores e intérpretes de Língua de Sinais Brasileira a incluir novos desafios e perspectivas a realidade da educação de surdos em contexto fronteiriço.

Nesse sentido, apresentamos nossas reflexões sobre o contexto fronteiriço e a situação migratória do povo surdo, a partir do que acreditamos como uma proposta adequada para uma Educação Bilíngue que atenda surdos brasileiros e imigrantes.

Palavras-chave: Contato linguístico; Libras; LSV; Educação de surdos.

## Referências bibliográficas

- Borne, R. M. M. (2002). *Representações dos surdos em relação à surdez e implicações na interação social*. Dissertação de mestrado da UTP, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.
- Dorziat, A. (s/d). Metodologias específicas ao ensino de surdos: análise crítica. Disponível em: [http://www.ines.org.br/ines\\_livros/13/13\\_PRINCIPAL.HTM](http://www.ines.org.br/ines_livros/13/13_PRINCIPAL.HTM) [acedido a 22/04/2006].
- Fernandes, E. (s/d). Surdez e Bilingüismo: Leitura de Mundo e Mundo da Leitura. Disponível em: [http://www.ines.org.br/ines\\_livros/13/13\\_PRINCIPAL.HTM](http://www.ines.org.br/ines_livros/13/13_PRINCIPAL.HTM) [acedido a 22/04/2006].
- Fleuri, R. M. (2000). Propostas curriculares: entre o oficial e o alternativo. 23ª Reunião Anual da ANPEd. 26/09/2000, Caxambu - MG.
- Goldfeld, M. (1997). *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. São Paulo: Plexus.
- Hall, S. (1977). *Identidade culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Perlin, G., & Miranda, W. (2003). Surdos: o Narrar e a Política. In *Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos*, (5), UFSC/ NUP/CED, Florianópolis.
- Perlin, G. (1998). Identidades Surdas. In C. Skliar (Org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Vilhalva, S. (2004). Língua Brasileira de Sinais: 121 anos de proibição da língua que sempre esteve viva para a comunidade surda. Disponível em: <http://www.tvregional.com.br/colunistas.php?IDc=9&IDa=8>. [acedido a 22/04/2006].
- Widell, J. (1992). As fases históricas da cultura surda. Revista GELES – Grupo de Estudos Sobre Linguagem, Educação e Surdez, 6 – Ano 5, UFSCRio de Janeiro: Editora Babel.

# Contact between sign languages: a soci-language study on code-switching in Brazil and Venezuela

Alessandra Cruz                      UFR

Rodrigo Mesquita                    UFR

This paper aims to identify and analyze the main socio-pragmatic functions of codeswitching involving the Brazilian and Venezuelan sign languages - Libras and LSV respectively - performed by a family of deaf Venezuelan immigrants living in Boa Vista, Roraima, Brazil. The context of this research involves the contact between the different language groups in the border region, a context marked by the intensification of the contact coming from the Venezuelan immigration to the capital of Roraima and, consequently, from scenarios of bilingualism.

Among the phenomena related to bilingualism scenarios, focused on codeswitching (CS), defined by Grosjean (1982, p. 145-146) as “the alternate use of two or more codes by bilingual individuals in the same conversational interaction”. From the theoretical assumptions of interactional sociolinguistics and studies on individual and social bilingualism, especially in the works of Gumperz (1982, 2002), Grosjean (1982) and subsequent authors, we seek to identify, describe and analyze the main socio-pragmatic functions of CS involving the related Sign Languages during the interaction of deaf immigrants with their language peers.

The theoretical-methodological contribution of Hymes’ Communication Ethnography (1972) was considered for the delimitation of the speaking community and the speech events that constituted the research corpus. Thus, the events were observed in family interactions, in public and also in educational environments. The results indicated that Libras and LSV were alternated especially with the functions of quotation, message qualification and interjection, among other more specific bilingualism involving two sign languages. Among the extralinguistic motivations that motivate the CS, we identified, mainly, socio-cultural issues, such as beliefs, religions, bilingual region of origin, nationality, social roles, among others. Moreover, the research also sought, in a preliminary way, to describe typologically the language alternation used in the analyzed context.

Dabène and Moore's typological classification proposal (1995 apud Mesquita, 2015) was used for this purpose. It was found that CS occurs in a diversified manner, and may occur both intersessionally and intrasessionally, in the latter case, especially with unitary insertions of names, verbs and connectors of one language into the morphosyntactic structure of the other. Regarding the predominant language in bilingual speaking events, it was found that, among the events analyzed, the speeches, when directed to children or immigrant listeners, remain mostly in LSV and the CS appears less significantly. Events involving deaf immigrants, deaf Brazilians and listeners are more frequent in diversity and complexity of the CS, and the use of Libras is more marked.

From the results of the analysis, we believe that the present study on codeswitching and the specific sociolinguistic configurations in which it occurs can contribute, in general, to the advances of studies involving sign languages in contact and to subsidize school education of deaf people in boundaries contexts. Specifically, we seek to contribute to the training of sign language teachers and interpreters in a border context, in order to provide socio-linguistic information to support the development of didactic materials and to set goals aiming the linguistic diversity present in the inclusive school environment and/or for the bilingual school proposal that the state of Roraima seeks to realize.

Keywords: Contato linguístico; Línguas de sinais; Fronteira Brasileira; Code-switching.

## References

- Grosjean, F. (1982) *Life With Two Languages: an Introduction to Bilingualism*. Harvard University Press.
- Gumperz, J. J. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gumperz, J. J. (1982). Convenções de Contextualização. In B. T. Ribeiro, & P. M. Garcez (orgs.). *Sociolinguística Interacional*(149-182). São Paulo: Edições Loyola.
- Hymes, D. (1972) Toward ethnographies of communication: the analysis of communicative events. In P. P. Giglioli (Ed.). *Language and social context*(21-43). Harmondsworth: Penguin Books.
- Mesquita, R. (2015) *Code-switching em Akwe Xerente – Portuguese*. Doctoral Thesis. Goiânia: Federal University of Goiás.

# Polypredicative Constructions Marking Simultaneity in Russian Sign Language

Valeriya Dushkina

NRU Higher School of Economics

Sign languages are known to have features different from spoken languages due to modality effects. Investigating simultaneity and iconicity within morphosyntax can contribute to the notion of human language. This study set out to define modality-specific strategies marking overlapping events in Russian Sign Language (RSL). In sign languages, hands are claimed to be relatively independent articulators, which allows to convey linguistic information simultaneously. Consider the following examples from RSL. Fully-simultaneous production of two predicates is possible in (1), but fully-simultaneous production is restricted to a hold in (2):

(1) h1: EAT [N4]

h2: TEXT

'[I am] eating and texting.'

(2) h1:SPRINKLE.PERFUME ----- [N4]

h2: INHALE

'{A woman is going on a date}, sprinkling perfume and inhaling.'

In order to investigate regular strategies I have combined verb-signs in polypredicative utterances meaning 'while X, Y happens'. The verb-signs in the sample are mostly plane verbs that do not mark object-verb agreement. The data was obtained from 5 native Deaf RSL signers. The participants evaluated the acceptability of sentences produced by me in RSL. If the construction failed, they corrected me; if it was acceptable, I asked them to repeat it for the camera. The final sample of the utterances included 100 constructions. The elicited data were annotated in ELAN.

The data revealed the following devices of marking simultaneity: fully-simultaneous production, a hold, doubling, and non-manual markers. Typical example of a hold is the case when the two-handed sign is followed by the one-handed.

Normally, signer’s dominant hand is right (4), but the dominant hand becomes inactive and presents a hold in (5). The latter is known as “dominance reversal”, which has been observed in a number of sign languages (Vermeerbergen et al. 2007; Sáfár, Crasborn 2013).

(4) h1: READ ENJOY<sup>1</sup> [N3]  
 h2: READ .....  
 ‘[I am] reading and getting pleasure.’

(5) h1: TEXTING PERSON NOT.UNDERSTAND TEXTING ----- [N3]  
 h2 BE . NERVOUS  
 ‘[I am] texting and getting nervous, [because] a person does not understand.’

Sáfár and Crasborn (2013) assume that a hold has a morphosyntactic function if dominance reversal is present. So, a hold is regarded here as specialized device to mark simultaneous events.

---

Striking result is that regular strategy to express simultaneity is doubling (6). In addition, controversial constructions with two doublings were found (7). Previous research in ASL shows, that the clause with doubling is subordinate (Fischer and Janis 1990). Despite the fact that subordination in RSL is not clear yet, doubling is regular means of marking simultaneity in the data.

(6) BE.NERVOUS SMOKE BE.NERVOUS [N1]  
 ‘Being nervous, [I am] smoking.’

(7) FRIEND SIT CHAT EAT CHAT EAT [N3]  
 ‘My friend and I are sitting, chatting, and eating.’

Two possible combinations of signs with non-manual markers were found. First, sequential sign production with joint non-manual marker. In (9), joint non-manual markers are screwed up eyes and a head tilt. The second combination of signs with non-manuals is a manual verb-sign with a non-manual marker expressing the second predicate (10).

---

<sup>1</sup> [N] in the examples stands for the signer’s number.

Generally, in literature, this phenomena is referred to as “manual–oral simultaneity”.

(9) \_\_\_\_\_esc, ht

HAVE.A.REST      READ      [N1]

‘[I am] having a rest and reading.’

(10) look.out.of.the.window

TELL = ‘give a lecture’

‘{I am working just for the appearance,} giving a lecture looking out of the window.’

The study has shown that simultaneous production of two verb–signs is restricted. It means that two predicates characterized by different phonological features undergo either phonological change or result in a morphosyntactic transformation. The data shows both options: the hold strategy demonstrates phonological change, i.e. lack of movement feature, while the doubling strategy seem to present a syntactic transformation.

Keywords: relative tense; polypredicative constructions; simultaneity; hold doubling.

## References

- Fischer, S., & Janis, W. (1990). Verb sandwiches in American Sign Language. In S. Prillwitz & T. Vollhaber (Eds.), *Current Trends in European Sign Language Research: Proceedings of the third European Congress on Sign Language Research* (279–294). Hamburg: Signum.
- Sáfár, A., & Crasborn O. A. (2013). A corpus-based approach to manual simultaneity. In L. Meurant, A. Sinte, M. Van Herreweghe et al. (eds). *Sign Language Research, Uses and Practices. Crossing Views on Theoretical and Applied Sign Language Linguistics* (179–204). Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.
- Vermeerbergen, M. et al. (2007). *Simultaneity in signed languages: Form and function*. Amsterdam: John Benjamins.

# **Espacialização nas Interações entre surdos em língua gestual portuguesa (LGP) e Língua brasileira de sinais (Libras): uma abordagem do desenvolvimento do tópico discursivo em ambientes naturais**

Dannytza Serra Gomes

UFC

Orquídea Coelho

FPCEUP

Celda Morgado

ESE - PP

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a espacialização presente nas conversas realizadas em língua gestual portuguesa (LGP) através do desenvolvimento do tópico discursivo em ambientes naturais de uso dessa língua.

Inicialmente esse estudo foi aplicado na língua de sinais brasileira para, em seguida, ser aplicado em outra língua da comunidade surda. Tratamos como objeto de estudo a interação entre surdos usuários de língua gestual. Para alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa trabalhamos com a teoria da Análise da Conversação (AC), tomando como base os estudos de autores como: Marcuschi (1986, 2007); Sacks (1992); Jubran (1992; 1996); Fávero (1995;2005), Fávero, (2005); Dionísio (2006), Kerbrat-Orecchioni (2006), Schegloff, (2007); entre outros. Selecionamos o tópico discursivo como categoria analítica da conversa/interação para guiar os resultados deste estudo e nos amparamos nos resultados de Serra (2014) para analisar a espacialização na língua gestual portuguesa.

A opção metodológica foi a Etnometodologia, uma vez que a análise partiria de conversas espontâneas, ainda que os temas discutidos pelos sujeitos surdos tenham sido pré-selecionados. As três informantes eram surdas adultas, duas com surdez adquirida ainda na infância e uma com surdez congênita, professoras de LGP, todas com nível superior completo. As conversas foram realizadas no CED-JRP da Casa Pia de Lisboa e foram filmadas para posterior análise. Antes de analisarmos os dados foi necessário o auxílio de um profissional tradutor/intérprete de LGP – Língua Portuguesa, além da transcrição das conversas para a modalidade escrita da língua portuguesa.

A partir disso a análise se concentrou nas propriedades teóricas já estabelecidas pela AC para o tópico discursivo (centração, organicidade e espacialização), as possíveis rupturas e retomadas tópicas, o desenvolvimento do assunto a ser tratado e na espacialização que é uma propriedade específica das línguas gestuais.

Realizamos uma comparação com os resultados iniciais alcançados na pesquisa realizada no Brasil. Assim, evidenciamos a importância da espacialização nas línguas de sinais/gestuais. Esperamos com os resultados dessa pesquisa possa contribuir para futuros estudos sobre as línguas de sinais/gestual na seara da linguística.

Palavras-chave: Espacialização; Língua Gestual Portuguesa; Língua Brasileira de Sinais; Tópico Discursivo; Interação.

#### Referências bibliográficas

- Dionísio, A. P. (2006). Análise da conversação. In F. Mussalini, & A. C. Bentes. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, (v.2.), (5ª Ed.). São Paulo: Cortez.
- Fávero, L. L. (1995). *Coessão e coerência textuais*. São Paulo: Ática.
- Fávero, L. L. et al. (2005). *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez.
- Jubran, C. C. A. S. et al. (1992). Organização tópica da conversação. In R. Ilari (org.). *Gramática do português falado*, v.II. Campinas/SP: UNICAMP, São Paulo: FAPESP.
- Jubran, C. C. A. S. (1996). Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cad. Est. Ling.*, 48, Campinas, 33-41.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação: princípios e métodos* (trad. Carlos Piovezani Filho). São Paulo: Parábola editorial.
- Marcuschi, L. A. (1998). *Análise da conversação*. (4ª Ed.). São Paulo: Ática.
- Marcuschi, L. A. (2007). *Da fala para a escrita*. (4ª Ed.). São Paulo: Ática.
- Sacks, O. W. (1992). *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Serra, D. G. (2014). *Língua Brasileira de Sinais: fala-em-interação entre surdos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE).

# Variação Diacrónica na Fonologia da Língua Gestual Portuguesa no Conto “Capuchinho Vermelho”

Neide Gonçalves	CIIS-UCP
Mara Moita	CIIS -UCP
Ana Mineiro	CIIS-UCP

A Língua Gestual Portuguesa (LGP), reconhecida na Constituição da República, em 1997, como língua de comunicação da comunidade surda portuguesa, tem sido ainda alvo de poucos estudos quanto à descrição do seu comportamento linguístico. Alguns estudos têm sido realizados nas várias áreas da linguística, no entanto, ainda que, no âmbito da variação diacrónica na fonologia da LGP, exista apenas registo de um estudo sobre a variação diacrónica na fonologia/quirolgia da variedade açoriana da LGP (Gonçalves, 2016; Gonçalves et al. 2017; Moita et al. ). Esta ausência de estudos sobre a variação diacrónica ao nível da fonologia está relacionada não só com o facto de não existir uma descrição dos parâmetros fonológicos existentes da LGP (configuração, movimento, localização, orientação da palma da mão e expressão facial), mas também pelo facto de não existirem dados linguísticos que possam fornecer informação do comportamento e características fonológicas desta língua.

Desde o trabalho de Stokoe (1960) que se reconhece que as línguas gestuais são sistemas linguísticos com modalidade de produção motora (mãos, face e tronco) e de perceção visual e, por isso, com um sistema fonológico distinto do das línguas orais. A articulação do gesto é constituída por 3 categorias fonológicas: configuração, localização e movimento (Stokoe, 1960). De acordo com estudos recentes de línguas gestuais emergentes, têm sido encontrados padrões de mudança linguística (e.g. Senghas, 1995; Kegl et al., 1999; Mineiro et al., em revisão). Um destes padrões é a redução de articuladores, sendo que o articulador M2 perde recorrência, e também o espaço gestual, sendo este um padrão de sistematização das línguas gestuais (Frishberg, 1975).

O presente trabalho tem como objetivo analisar a variação fonológica da LGP no contexto do conto do capuchinho vermelho. Para esse feito, foram extraídos 3 vídeos de gestuantes nativos gravados no ano 1992 e outros 3 vídeos gravados pelos mesmos gestuantes no ano 2019, todos com a mesma base de elicitación, a história de imagens do “Capuchinho Vermelho”.

No sentido de estudar a variação fonológica diacrónica da LGP no contexto do conto do Capuchinho Vermelho, recorreremos à compilação de vídeos do primeiro *corpus* de LGP (Refª PTDC/LLT/29887/2017) (ainda em construção) a partir do qual uma determinada seleção de alguns vídeos são transcritos utilizando o programa ELAN quer para a transcrição sintática, semântica, morfológica e lexical quer para a transcrição fonológica (Anexo I). Para a anotação fonológica em ELAN, utilizamos o sistema de escrita HamNoSys. Este sistema é compatível com o programa ELAN e foi criado com vista a permitir que fosse compatível para o funcionamento de um AVATAR, que é um dos objetivos do projeto CORPUS E AVATAR.

Este estudo permitirá identificar e analisar as diferenças articulatórias nos gestos- chave do conto, e, a partir destes gestos, identificar, descrever e avaliar os parâmetros em que houve alteração fonológica e em que como esta ocorreu: i) O gesto não é alterado, ou seja continua o mesmo; ii) O gesto sofre alteração parcial, ou seja altera apenas alguns elementos fonológicos (e em quais); iii) O gesto altera-se em todos os elementos fonológicos. Esta análise encontra-se em progresso, e pretende-se com esta comunicação descrever o comportamento fonológico da LGP quanto à sua variação fonológica e apresentar características diacrónicas.

Palavras-chave: Fonologia; Língua Gestual; Variação diacrónica; Língua Gestual Portuguesa.

#### Referências bibliográficas

- Faria, I. H.; Pedro, E. R.; Duarte, I., Gouveia, C. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Frishberg, N. (1975). Arbitrariness and iconicity: historical change in American Sign Language. *Language*, 51, 696-719.
- Gonçalves, M. E. (2016). *Estudo diacrónico dos gestos da Língua Gestual Portuguesa nos Açores*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa.
- Gonçalves, M.E. (2016). Variação diacrónica na fonologia/quirolgia da Língua Gestual Portuguesa do arquipélago. *SENSOS 12 - Morfossintaxe das línguas gestuais*, Edição Lipsic, 129-148.



# La variabilidad léxica de los colores y los números entre los informantes de coralse

Rayco H. González-Montesino

Universidad Rey Juan Carlos

Inmaculada Baéz Montero

Universidad de Vigo

Ana Fernández Soneira

Universidad de Vigo

María Bao Fente

Universidad de Vigo

Resultado de nuestra participación en el proyecto de Keiko Sagara, y Ulrike Zeshan, sobre la tipología de lenguas de signos de todo el mundo es el artículo titulado “Colores y números en la LSE” en el que describimos y comparamos estos dos campos semánticos de la LSE (lengua de signos española) con la lengua oral, y con otras estructuras lingüísticas de las lenguas de señas en todo el mundo, con el objetivo contribuir a la comprensión de los universales lingüísticos y generalizaciones tipológicas en toda la gama del lenguaje humano, tanto en señas como hablado.

Siguiendo en la investigación sobre los números y los colores en LSE, en nuestra contribución al *III Encontro sobre Morfosintaxe da LGP e de outras línguas de sinais* presentaremos una descripción de la variación para los números y colores en LSE dado que, como unidades lingüísticas del sistema dinámico de la LSE que son, se adaptan a las necesidades expresivas de sus hablantes y presentan variaciones, en el tiempo y la geografía que a veces se consolidan en un cambio lingüístico.

El corpus anotado de lengua de signos española CORALSE (2016) es un corpus de referencia para el estudio de la lengua de signos española, con el que podemos estudiar aspectos estructurales, semánticos, discursivos, pragmáticos, antropológicos y sociolingüísticos de esta lengua y así, poder describirla y analizarla de manera exhaustiva.

Una de las pruebas diseñadas para lograr muestras elicitadas es el *naming*, mediante la que se insta a los informantes a que produzcan el signo que suelen utilizar para diferentes referentes presentados de forma visual, utilizando fotografías, dibujos, etc. El número de imágenes que los informantes deben nombrar en la prueba del *naming* superal los cien términos, correspondientes a los campos semánticos de los colores, los números, la expresión temporal, las acciones cotidianas o la familia, entre otros.

Las muestras espontáneas y elicitadas de la LSE por parte de signantes nativos, de agrupadas por edades y sexo, formación cultural, etc., procedentes de diversas partes de España: Galicia, Madrid, Euskadi, Andalucía y Canarias relacionadas con el campo del color y de los números que se recogen en el corpus CORALSE serán la base de nuestro estudio.

Al investigar el rango de expresiones de color en LSE, nos centramos en los signos léxicos para los colores que a menudo tienen una referencia icónica a objetos y partes del cuerpo con un color prototípico (por ejemplo, los labios para el color rojo), pero también hemos encontrado otras posibilidades de expresión, a través de un signo completamente arbitrario, abstracto y sin motivación icónica.

En el apartado del estudio dedicado a los números, abordamos la expresión de números cardinales y ordinales teniendo en cuenta la diferencia generacional, de género y geográfica de los informantes.

De esta forma, pretendemos conocer la diversidad terminológica en la LSE sobre esta temática y valorar los factores sociolingüísticos que influyen en ella. Con los resultados alcanzados, además de contribuir en la normalización y descripción lingüística de la LSE, esperamos aportar datos que puedan ser utilizados en la enseñanza de esta lengua como L2.

Palabras-clave: Corpus; Lengua de Signos Española; Variedad léxica.

#### Referencias bibliográficas

Báez Montero, I. C., & Fernández Soneira, A. (2016) Colours and numerals in Spanish Sign Language (LSE). In *Semantic fields in Sign Language*(73-122). *Colour, Kinship and Quantification*, De Gruyter Mouton.

Báez Montero, I. C., Fernández, A., Freijeiro, E., & Bao, M. (2018) CORALSE, corpus de lengua de signos española de la Universidad de Vigo, comunicación presentada en Congreso CNLSE de la Lengua de Signos Española (Madrid, 26 y 27 de octubre de 2017). Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=YnieTbckI1o>

- Chapa Baixauli, C. (2001). *La variación del registro en lengua de signos española*. Valencia: Fundación Fesord C.V.
- Freijeiro Ocampo, E., & Báez Montero, I. C., & Soneira, A. (2016). CORALSE: diseño de un corpus de lengua de signos española. In CILC2016, *EpiC Series in Language and Linguistics*(1), 111 – 120.
- Gries, S. (2009) *Quantitative Corpus Linguistics with R: A practical introduction*, (2a ed: 2017), Londres: Routledge.
- Palfreyman, N., Sagara, K., & Zeshan, U. (2015) Methods in carrying out language typological research. In E.Orfanidou, G. Morgan,& B. Woll (Eds). *Research methods in sign language studies: A practical guide*. UK:Wiley–Blackwell.
- Parodi, Giovanni (2010). *Lingüística de corpus: de la teoría a la empiria*, Madrid: Iberoamericana.
- Sagara, Keiko & Zeshan, Ulrike (2013) "Typology of cardinal numerals and numeral incorporation in sign languages". Poster presented at the 11th Theoretical Issues In Sign Language Research (TISLR) Conference, London, July 2013.
- Sagara, Keiko & Zeshan, Ulrike (forthcoming) "Semantic Fields in Sign Languages". *Sign Language Typology Series, 5*. Berlin: De Gruyter Mouton & Nijmegen Ishara Press.
- Schembri, Adam, Rose Stamp, Jordan Fenlon & Kearsy Cormier (2018) "Variation and change in English varieties of British Sign Language", in Braber, N. & Jansen, S. (Eds.), *Sociolinguistics in England*, pp.165–188. Houndsmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Weisser, Martin (2016). *Practical corpus linguistics: an introduction to corpus-based language analysis*, Oxford: Wiley–Blackwell.
- Zeshan, Ulrike (2007) "Roots, leaves and branches – The typology of sign languages", in Quadros, Ronice M. de (ed.) *Sign Languages: Spinning and unraveling the past, present and future. Forty five papers and three posters from the 9th Theoretical Issues In Sign Language Research Conference*, Florianopolis, Brazil, December 2006. Petropolis: Editoria Arara Azul.
- Zeshan, Ulrike & de Vos, Connie (eds.) (2012) "Sign Languages in Village Communities: Anthropological and linguistic insights". *Sign Language Typology Series, 4*, Berlin: De Gruyter Mouton & Nijmegen Ishara Press.

# A aquisição das apontações pronominais em libras

Marcos Grutzmacher

UFAL

As apontações são elementos bastante produtivos em Libras. Elas podem indicar locações, além de referentes presentes ou ausentes no discurso, equivalendo linguisticamente aos pronomes pessoais, dentre outras funções (Cormier, Schembri, & Woll, 2013). Elas também podem ser encontradas em outras línguas de sinais como a ASL e a Língua Grega de Sinais. Portanto, uma vez que essas formas linguísticas também são encontradas em Libras, qual seria seu percurso de aquisição? Haveria diferenças entre sua aquisição em Libras e outras línguas (orais e gestuais)?

Nossa pesquisa toma por base os pressupostos inatistas defendidos pela Teoria Gerativa de Chomsky (1994[1987]) e tem por objetivo fazer uma descrição da aquisição das apontações pronominais em Libras, por meio de um estudo de caso de uma criança surda, filha de pais surdos, adquirindo a libras como primeira língua. Nossos objetivos específicos foram: realizarmos um levantamento das apontações realizadas; selecionarmos as produções de apontações ligadas aos verbos, verificando o percurso de aquisição dessas apontações; analisarmos em que posição sintática, se sujeito ou objeto, aparecem as apontações pronominais e classificar o estágio de aquisição das apontações. Nosso *corpus* se constituiu de registros em vídeo da produção espontânea de uma criança surda, compreendendo o período entre 1:07 e 3:03 de idade. Analisamos cinco vídeos com cerca de 30 a 40 minutos cada. Nossos achados mostraram que a criança surda adquirindo a Libras percorreu os mesmos estágios de aquisição de pronomes que crianças em outras línguas orais, bem como os mesmos estágios de aquisição das apontações pronominais em outras línguas gestuais.

Palavras-chave: Libras; língua de sinais; apontação.

## Referências bibliográficas

Chomsky, N. (1987/1994). *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. (Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves). Lisboa: Caminho.

Cormier, K., Schembri, A., & Woll, B. (2013). Pronouns and pointing in sign languages. *Lingua* 137, 230–247.

# Aspectos morfossintáticos e semânticos das relações de causalidade em orações complexas da língua brasileira de sinais

Layane Lima  
Rozana Naves  
Enrique Huelva

UFGoiás  
Univ. Brasília  
Univ. Brasília

Este trabalho, circunscrito nas bases teóricas da relação entre Gramática e Conceitualização (Chomsky, 1995, 2000, 2004; Lakoff, & Johnson, 1999; Langacker, 2008; Huelva, & Naves, 2016, 2017), na interface entre sintaxe e semântica, explicita os aspectos morfossintáticos e semânticos das relações de causalidade em orações complexas da Língua Brasileira de Sinais (Libras), conforme investigados por Lima (2019). O objetivo é apresentar as principais características morfossintáticas e semânticas dessas relações em Libras.

Os dados deste trabalho foram retirados de Lima (2019), os quais foram coletados com oito informantes surdos, usuários fluentes em Libras. Esses dados, provenientes de narrativas, eliciação de sentenças e diálogos em Libras, foram anotados no software ELAN (EUDICO Linguistic Annotator).

O referencial teórico contempla os principais estudos sobre as propriedades gramaticais da Libras e outras línguas de sinais e estudos sobre a semântica da causalidade, com foco nas orações complexas. Entre as propriedades gramaticais, elencam-se: as expressões não-manuais (Ferreira Brito, & Langevin, 2010 [1995]; Quadros, 1997, 1999; Quadros, & Karnopp, 2004; Capovilla, & Raphael, 2001; Arrotéia, 2005; Quadros, Pizzio, & Rezende, 2008; Faria-Nascimento, 2009; Araujo, 2013; Lourenço, 2018; Figueiredo, & Lourenço, 2019); os conectivos manuais (Lima, 2010; Baker, & Pfau, 2016; Andrade, 2015); e a articulação de orações complexas temporais, condicionais e causais (Padden, 1988; Tang, & Lau, 2012; Pfau, 2016), as quais expressam relações de causalidade. As propriedades semânticas foram baseadas na classificação tripartite de Sweetser (1990), que distingue causalidade de conteúdo, epistêmica e de atos de fala.

A análise de dados de Lima (2019) revelou: (i) a presença de conectivos manuais temporais, condicionais e causais (DEPOIS, ENTÃO, SE, PORQUE e POR-CAUSA) na articulação das relações de causalidade em Libras, os quais podem vir acompanhados de expressões não-manuais, do tipo levantamento de sobancelhas e do queixo; (ii) a justaposição entre as orações que expressam causa/condição e consequência/conclusão, cujo nexos de causalidade se dá via correlação semântica, com o uso de expressões não-manuais; (iii) uso da ordem icônica (causa-consequência) na causalidade de conteúdo, em que a relação de causalidade se dá por justaposição ou por meio do conectivo manual temporal DEPOIS; (iv) uso da ordem não icônica (consequência-causa) na causalidade epistêmica, por meio de justaposição ou da articulação dos eventos pelo conectivo manual causal PORQUE; (v) uso das duas ordens, icônica e não icônica, com a articulação da relação de causalidade por meio da utilização de conectivos manuais causais PORQUE e POR-CAUSA, na causalidade de atos de fala. Esses resultados evidenciam o caráter plural das diversas manifestações linguísticas das relações de causalidade em Libras em seus aspectos morfossintáticos e semânticos.

Palavras-Chave: Morfossintaxe; Semântica; Causalidade; Orações complexas; Língua Brasileira de Sinais – Libras.

#### Referências bibliográficas

- Andrade, A. M. F. (2015). *Causatividade em Libras*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília.
- Araújo, A. D. S. (2013). *As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília.
- Arrotéia, J. (2005). *O papel da marcação não-manual de sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Baker, A., & Pfau, R. (2016). Constituents and word classes. In A. Baker, B. V. D. Bogaerde, R. Pfau, & T. Schermer, *The linguistics of sign language: an introduction* (197–228). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Capovilla, F. C., & Raphael, W. D. (2001). *Dicionário ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. (1.ª ed.). São Paulo: EDUSP.

- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge Massachussets: MIT Press.
- Chomsky, N. (2000).. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Chomsky, N. (2004). Beyond explanatory adequacy. In A. Belletti (ed.), *Structures and beyond*(104-131). Oxford: Oxford University Press.
- Faria-Nascimento, S. P. (2009). *Representações lexicais da língua de sinais brasileira. Uma proposta lexicográfica*. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/6547>> Consultado em 22/10/2017
- Ferreira- Brito, L., & Langevin, R. (2010/1995]. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. In L. Ferreira-Brito, *Por uma gramática de língua de sinais* (211-242). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ.
- Figueiredo, L. M. B, & Lourenço, G. (2019). O movimento de sobrançelas como marcador de domínios sintáticos na Língua Brasileira de Sinais. *Revista da ANPOLL*, (1), nº. 48, Florianópolis, 78-102.
- Huelva Unternbaumen, E., & Naves, R. R. (2016). *A relação entre gramática e conceitualização: abordagens teóricas atuais e desafios futuros*. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
- Huelva Unternbaumen, E. (2017). The encoding of self-movement in cyberspace: bridges between the phenomenological-cognitivist and the minimalist approaches to grammar. In. 47th Linguistic Symposium on Romance Languages.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh. The embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books.
- Langacker, R. (2008). *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford: OUP.
- Lima, L. R. (2010). *As estruturas de causa e consequência na aquisição do português-por-escrito pelos surdos*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília.
- Lima, L. R. (2019). *Relações de causalidade em orações complexas na Língua Brasileira de Sinais*. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília.

- Lourenço, G. (2018). *Verb agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Padden, C. A. (1988). *Interaction of morphology and syntax in American Sign Language*. New York: Garland Publishing.
- Pfau, R. (2016). Syntax: complex sentences. In A. Baker et al., *The linguistics of sign languages: an introduction* (149-172). Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Quadros, R. M. (1997). *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Quadros, R. M. (1999). *Phrase structure of brazilian sign language*. Tese de Doutorado, PUCRS, Porto Alegre.
- Quadros, R. M., & Karnopp, L. B. (2004). *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.
- Quadros, R. M., Karnopp, L. B., & Rezende, P. L. F. (2009). *Língua Brasileira de Sinais IV. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade à Distância*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Sweetser, E. (1990). *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tang, G. & Lau, P. (2012). Coordination and subordination. In R. Pfau, M. Steinbach, & B. Woll (eds.). *Sign Language: An International Handbook* (340-365). Berlin: Mouton De Gruyter.

# O ensino do português escrito como segunda língua: uma análise sintaxe da LIBRAS e seus tempos verbais

Josy De Sousa Macêdo  
Rodrigo Ferreira Santos  
Douglas Komar Silva

UFA-UNIFAP  
UFA-UNIFAP  
UFA-UNIFAP

É possível entender a trajetória histórica, cultural e social da comunidade surda enquanto indivíduos prejudicados em diversos aspectos da estrutura social, seja na educação, no convívio do lar, na vida profissional entre outros. Nesse sentido, o ensino de uma segunda língua como no caso do português para surdos levando em consideração que as estruturas gramaticais e sintáticas são bem diferentes das estruturas das línguas de sinais e num contexto em que a tarefa de ensinar crianças surdas que não têm acesso a metodologias voltadas para o ensino de segunda como língua, respeitando as peculiaridades da modalidade que envolve as línguas, se torna um desafio.

O objetivo principal da pesquisa se relaciona em investigar estrategicamente a estrutura do verbo e os tempos verbais, como conjugar os verbos (presente, passado e futuro) e de que forma isso ajuda na aquisição e desenvolvimento do português como L2 para criança surda. Para além disso, é possível observar que pessoas ouvintes por não conhecerem a estrutura da língua de sinais e nem o processo de aprendizagem que envolve a L2 acabam por fazer julgamento da estrutura escrita apresentada por crianças surdas, considerando que não há interesse ou mesmo que o surdo não possui capacidade de aprender de forma correta a usar a língua na modalidade escrita. Dessa forma, muitos surdos chegam à idade adulta sem saber o significado de muitas palavras, bem como os tempos verbais e outros aspectos inerentes ao aprendizado de L2.

A escrita dos surdos possui características próprias vejamos a frase a seguir: (sinalização e escrito da língua de sinais) "MARIA GOSTAR CARRO", é assim, sem preposição, artigo e tempos verbais. Como seria se estivesse em português: MARIA ESTÁ GOSTANDO DO CARRO. A primeira frase em Libras apresenta o verbo "GOSTAR" e o indivíduo ao sinalizar precisaria saber em que tempo verbal esta o verbo, se é no passado ou futuro ou presente. Dessa forma, uma grande problemática surge no ensino de língua portuguesa como segunda para crianças surdas que precisam escrever e usar as conjugações verbais de acordo com o tempo adequado, pelo que acaba por não obterem êxito por não ser característica marcante na língua de sinais.

A metodologia da pesquisa fundamenta-se na técnica exploratória, com abordagem qualitativa/quantitativa. Neste sentido, o investigador tem um papel fundamental na pesquisa qualitativa, visto que seu trabalho requer observar, ouvir, analisar e interpretar os pormenores sem perder de vista a amplitude, de forma a levar ao entendimento da conjuntura constituinte dos fenômenos. (Meihy, & Ribeiro, 2011). No entanto, esta opção só é válida quando o caso é extremo ou crítico, ou quando é revelador ou representativo de algum fenômeno; ou, ainda, quando o pesquisador está interessado em observar o comportamento de um fenômeno ao longo do tempo (Yin, 2009). Os participantes desta pesquisa são professores e alunos surdos da escola Felipe Smaldone, localizada na cidade de Belém, no estado do Pará/Brasil. A observação foi desenvolvida durante um semestre, em uma sala de aula do 5º. ano do Ensino fundamental. A coleta de dados se deu através de questionários semi-estruturados, direcionados aos professores e coordenação pedagógica, bem como atividades práticas desenvolvidas com os alunos para verificação do uso da conjugação verbal e efetivo aprendizado da L2 pelo aluno surdo. Além disso, ainda se verificou o uso correto das normas da língua portuguesa. Foi usado como suporte teórico autores como: Gerhart e Silveira (2009), Andrade (2012), Quadros (1997, 2006, 2014, 2015), Koch (2003), entre outros.

O desafio consiste no ensino do português na modalidade escrita como L2 para surdos, pois sabemos que os surdos possuem uma estrutura de língua em que não se usam os tempos verbais, por exemplo; e, em sua modalidade escrita (escrita de sinais), não usam tempos verbais e nem fazem conjugações como ocorre nas línguas orais, o que é muito comum observarmos é a presença de sinais como "PASSADO", "PRESENTE" e "FUTURO" que auxiliam no entendimento da comunicação realizada. Também não encontramos nas estruturas na língua de sinais o uso de preposições, artigos e entre outros. Os principais resultados encontrados dizem respeito a falta de capacitação técnica e de metodologias específicas voltadas para o ensino de uma segunda língua para crianças surdas, de modo que atualmente estudos e pesquisas estão sendo desenvolvidos para o fortalecimento de estratégias voltadas para esse público específico.

Palavras- chave: Sintaxe; Ensino; Língua de sinais.

#### Referências bibliográficas

Andrade, M. M. F.(2012). Práticas de Ensino da Língua Portuguesa para Alunos Surdos. Piracicaba: SP. Disponível em: [https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/09102013\\_100134\\_maly.pdf](https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/09102013_100134_maly.pdf). [Consultado em 07/09/ 2019].

- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial Brasil (2004). Ensino de Língua Portuguesa para Surdos, *Caminhos para uma Prática Pedagógica*. Vol. 1. Brasília: SEESP.
- Ministério da Educação Brasil (2005). Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm). [Consultado em 07/09/2019]
- Freire, A. M. F. (1999). Aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação de Surdos. In C. Skliar (Org.), *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. (3.ª ed.). Porto Alegre: Mediação.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. [Consultado em 10/07/2019].
- Koch, I.G.V. (2003). *Desvendando os Segredos do Texto*. (2ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Quadros, R. M. (1997). *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- Meihy, J. C. S. B., & Ribeiro, S. L. S. (2011). *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto.
- Yin, R.K. (2009) *Case study research, design and methods (applied social research methods)*. Thousand Oaks. California: Sage Publications.

# Argument structure in the emerging sign language of Guinea-Bissau

Mariana Martins  
Hope Morgan  
Victoria Nyst

Leiden University  
Leiden University  
Leiden University

Sign languages use locations in space to establish arguments and encode both semantic and syntactic relations between them (Fisher & Gough 1978, Meir 1998, Meir 2010, Lillo-Martin & Meier 2011). It had been assumed that these modality-specific devices were so readily available in the visual-gestural language modality that they would arise early in the development of a sign language (SL) (Liddell 2003). Subsequent research, however, has focused on relatively young SLs, less than 100 years old: Al-Sayiid Bedouin Sign Language (ABSL; Sandler et al. 2005) Nicaraguan SL (NSL; Flaherty, 2014; Senghas et al., 2015), and Central Taurus SL (CTSL; Ergin et al. 2018).

Several notable findings were made about these languages that differ from more established SLs:

- (1) signers exhibit a lot of variation in how spatial devices are used (lack of conventionalization);
- (2) word order is somewhat more predictable, but still exhibits wide variation between signers;
- (3) complex semantic events (i.e., ditransitives such as 'boy gives girl cup') tend to elicit multiple single argument phrases rather than one phrase containing all arguments; and
- (4) in ditransitives, signers of young SLs prefer to locate one of the arguments on the body, rather placing both arguments in space, which manifests as the hands moving along a Z-axis (in/out from the body) rather than an X-axis (side-to-side horizontally in space, not touching the body).

Yet among the young languages that have been studied, there are differences in how the language arose. Two of them (ABSL, CTSL) come from communities with high rates of deafness, are used in a home-based setting, and include many hearing people as signing interlocutors. In contrast, NSL is a school-based SL with daily contact between mainly deaf signers.

The current study tries to add to our understanding of the typological diversity of argument structure in young sign languages and attempts to disentangle the different factors that may influence aspects of argument structure; namely, *age* and *type of signing community*. We do this through the lens of Guinea-Bissau SL (LGG), which is a very young (~15 years old), school-based SL (Martins & Morgado, 2016, 2017). The data from LGG is also compared with another relatively young, school-based African sign language, Kenyan SL (KSL), which is around 60 years old (Morgan *in press*).

Specifically, in this talk we focus on three questions regarding argument structure in LGG, compared with KSL and other SLs: (1) what is the dominant word order, (2) how conventionalized is word order across signers, and (3) where are arguments located, spatially?

Elicitation was based on 21 video clips showing transitive events involving one or two people with or without objects. The clips are culturally-appropriate for an African context. They were shown to a group of 12 deaf signers from Guinea-Bissau, who watched each clip and described it to a deaf interlocutor, who picked the correct scene just described from a choice of three screenshots. The responses were coded for grammatical structure to determine word order, and compared with responses from 25 deaf signers in Kenya using the same clips (Morgan *in press*).

Preliminary findings show that LGG signers (1) use predominantly SOV word order, (2) appear to be as conventionalized in their syntax as KSL signers, and (3) tend to locate one argument on the body, resulting in Z-axis path movement in verbs of transfer.

This seems to indicate something rather unexpected: sign languages that emerge in schools can develop complex, conventionalized argument structure more quickly than was previously thought, and more quickly than in village sign language communities.

Keywords: emerging sign language; African sign language; argument structure; word order.

## References

- Ergin, R., Meir, I., Ilkbaşaran, D., Padden, C., & Jackendoff, R. (2018). The Development of Argument Structure in Central Taurus Sign Language. *Sign Language Studies* 18(4), 612-639.
- Fischer, S. D., & Gough, B. (1978). Verbs in American Sign Language. *Sign Language Studies*, (18), 17-48.

- Flaherty, M. (2014). *The emergence of argument structural devices in Nicaraguan Sign Language*. Chicago, IL: University of Chicago PhD dissertation.
- Liddell, Scott K. 2003. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Lillo-Martin, D., & Meier, R. P. (2011). On the linguistic status of “agreement” in sign languages. *Theoretical Linguistics* 37(3-4), 95-142.
- Martins, M., & Morgado, M. (2016). Deaf communities in Portuguese-speaking African countries. In B. G. García & L. B. Karnopp (orgs.) *Change and promise: Bilingual deaf education and deaf culture in Latin America* (136-154). Gallaudet University Press.
- Martins, M., & Morgado, M. (2017). *Dicionário Prático de Língua Gestual Guineense*. Lisboa: Surd'Universo.
- Meir, I. (1998). Syntactic-semantic interaction in Israeli Sign Language verbs: The case of backwards verbs. *Sign Language & Linguistics* 1(1), 3-37.
- Meir, I. (2010). The Emergence of Argument Structure in Two New Sign Languages. In M. Rappaport Hovav, E. Doron, & I. Sichel (eds.), *Syntax, Lexical Semantics and Event Structure* (101-123). Oxford: Oxford University Press.
- Morgan, H. E. (in press). Argument Structure and the role of the body and space in Kenyan Sign Language. *Sign Language & Linguistics*.
- Napoli, D. J., & Sutton-Spence, R. (2014). Order of the major constituents in sign languages: implications for all language. *Frontiers in psychology*, 5, 376. doi:10.3389/fpsyg.2014.00376.
- Sandler, W., Padden, C. A., & Aronoff, M. (2005). The emergence of grammar: Systematic structure in a new language. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 102(7), 2661- 2665.
- Senghas, A., Coppola, M., Newport, E., & Supalla, T. (2015). Argument Structure in Nicaraguan Sign Language: The Emergence of Grammatical Devices. In E. Hughes, & A. Greenhill (Eds.), *Proceedings of the twenty-first Boston University conference on language development* (550-561). Boston: Cascadilla Pres.

# Entre o gesto e a glosa: Critérios de categorização de classes de gestos de um *corpus* de referência da Língua Gestual Portuguesa

Mara Moita	CIIS-UCP
Matilde Gonçalves	CIIS -UCP
Helena Carmo	CIIS-UCP
Sebastião Palha	CIIS-UCP
Neide Gonçalves	CIIS-UCP
Paulo Carvalho	CIIS-UCP
Celda Morgado	ESE-IPP, CLUP, InED
Ana Mineiro	CIIS-UCP

As línguas gestuais (LG) apresentam-se distintas das línguas orais não só na sua modalidade como também no seu comportamento gramatical (Meier, 2012). Em algumas LG, observa-se uma distinção morfológica sistemática de determinadas categorias gramaticais, como é o caso da distinção entre Verbos e Nomes, através da repetição do movimento (Supalla, & Newport, 1978; Johnston, 2001; Hunger, 2006; Pizzio & Quadros, 2016) ou do uso de *mouthing* (Zwitserlood, 2002; Johnston, 2001; e.o.). Em outras LG, a distinção gramatical não é sistemática, e a atribuição categorial é somente determinada através de critérios semânticos e/ ou estruturais da oração, não só na distinção entre verbos e nomes como também na distinção de adjetivos e advérbios (Liddell, 1980; Schwager, & Zeschar, 2008). A literatura tem assim descrito que com base nestes três critérios (marcação morfológica e contextos semântico e sintático) é possível categorizar os gestos Nominais, Verbais e Adjetivais e outros elementos como as Conjunções, Elementos Funcionais, etc. (Meier, 2012).

Com o objetivo de observar a existência ou não de marcas morfológicas ou não manuais na determinação das classes gramaticais da Língua Gestual Portuguesa (LGP) e verificar de que forma os três critérios de classificação gramatical descritos na literatura definem as classes de gestos na LGP, analisaremos o contexto e o comportamento gramatical de gestos da LGP a partir da anotação de um *corpus* de referência da LGP (Ref<sup>a</sup> (PTDC/LLT/29887/2017)). Com este estudo, pretendemos também discutir se as classes gramaticais são idênticas entre línguas de diferentes modalidades.

Tendo em consideração que a anotação lexical de dados linguísticos gestuais é realizada em Glosa (palavra ou locução correspondente na língua oral (LO)), a primeira dificuldade parte do facto de a glosa não representar verdadeiramente a totalidade do significado e as propriedades sintáticas do gesto, e este deva ser categorização com base no seu comportamento gramatical na oração. Verifica-se, por exemplo, em casos como o gesto NO-TOPO (exemplo 1): i) embora na gramática tradicional Luso- Brasileira da LO os elementos desta expressão (Sintagma Preposicional) correspondam a uma contração (de Preposição e um Artigo) e um Nome, trata-se apenas de um gesto lexical na LGP; ii) um gesto da LGP corresponde, assim, a uma locução ou Sintagma em glosa; iii) o gesto poderá ser o (S)N sem realização da preposição SPRE [ [(S)N]] com função sintática de predicativo); iv) ou poderá ser um Advérbio, uma vez que pode ser substituído por *aquí* ou *ali*. Estes casos em que um gesto lexical corresponde a uma locução ou um Sintagma da língua oral, com classes gramaticais diferentes, são definidos através do contexto semântico e sintático dos gestos.

Neste trabalho, apresentaremos um conjunto de critérios como identificadores da classe gramatical pertencente ao gesto em LGP, numa análise comparativa com os critérios e dados linguísticos descritos na literatura, contribuindo assim para a descrição da categorização gramatical das línguas de modalidade visuo-espacial.

Palavras-chave: Categorização; Classe de Palavras; Gesto; Glosa; Anotação; Corpus; Língua Gestual Portuguesa.

#### Referências bibliográficas

- Hunger, B. (2006) Noun/verb pairs in Austrian Sign Language (ÖGS). *Sign Language & Linguistics*, 9(1/2), 71-94.
- Johnston, T. (2001). Nouns and verbs in Australian Sign Language: An open and shut case? *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 6(4), 235-257.
- Liddell, S. (1980). *American Sign Language Syntax*. Den Haag: Mouton.
- Schwager, W. & Zeshan, U. (2008). *Word classes in sign languages: Criteria and classifications. Studies in Language* 32(3), 509-545
- Meir, I. (2012). Word classes and word formation. Em: R. Pfau, M. Steinbach and B. Woll (Eds.). *Handbook on Sign Language Linguistics*, pp: 365-387. Berlin: Mouton De Gruyter.

Pizzio, A.L. & Quadros, R. M. (2016). Análise dos elementos que distinguem nomes de verbos na Libras. *Revista Sensos*, V(12), 85-99.

Suppalla, T. & Newport, E. (1978). How many seats in a Chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. Em: P. Siple (ed.) *Understanding language through Sign Language Research*(91-132). New York: Academic Press.

Zwitserlood, I. & Gijn, I. (2006). Agreement phenomena in Sign Language of the Netherlands. In P. Ackema et al. (eds.), *Arguments and agreement*(195-229). Oxford: Oxford University Press.

Exemplo 1: Gesto NO-TOPO com comportamento de SPRE  $[[S]N]$  e Advérbio.

The screenshot displays the ELAN 5.5 software interface. At the top, there is a menu bar (File, Edit, Annotation, Tier, Type, Search, View, Options, Window, Help) and a toolbar with playback controls. Below the menu is a video window showing a woman in a blue t-shirt gesturing with her right hand. To the right of the video are volume and rate sliders. Below the video is a selection bar showing the current time range: 00:03:16.188 - 00:03:25.490. The main area of the interface is a timeline with multiple tiers of linguistic annotations. The top tier is the transcription: 'MULHER REI HOMEM REI FAMÍLIA' and 'MAS [ PRIMEIRO NO-TOPO A-SEGUIR JUNTO A-SEGUIR SOLDADO A-SEGUIR POVO ÚLTIMO'. Below this are constituent structure tiers (Sint\_Constituintes, M1\_Constituintes, M2\_Constituintes, Exp\_Constituintes) and grammatical classification tiers (Seman\_Estr, GLOSAS\_P1, GLOSAS\_P1-M1, GLOSAS\_P1-M2, M2\_ClassGram, M1\_ClassGram). The annotations show the temporal alignment of these linguistic elements with the video, highlighting the 'NO-TOPO' gesture and its associated SPRE and adverbial behavior.

# CARRO PARQUE ESTAR, ELE PÂNICO and EU CASA FICAR: *Estar* and *Ficar* in Portuguese Sign Language and European Portuguese

Celda Morgado  
Ana Maria Brito

ESE-IPP, CLUP, InED  
FLUP, CLUP

In European Portuguese, *estar* (from Lat. *stare*) and *ficar* (from Lat. *figicare*) have in their original semantic definition the association to (vertical) position and space (to place or to fix something), respectively, although, in the evolution from Latin to Portuguese they have undergone a semantic extension (Raposo, 2013, p.1330). Syntactically, in modern Romance languages, these verbs are considered copulative, as in (1) – (3):

- (1) A Maria está cansada (Mary isestar tired). (Raposo, 2013, p. 1330)
- (2) O carro ficou no parque subterrâneo (the car stayedficar at the underground parking). (Duarte, 2003, p. 538)
- (3) A Maria ficou cansada (Mary wasestar tired). (Raposo, 2013, p.1330)

Since Stowell (1981), it is accepted that in Oral languages copulative verbs select a small clause whose predicate is categorially diversified and establishes a special relationship with a subject, that, most of the times, raises to the specifier of TP, the final sentence position, as in (4): (see Duarte, 2003, for Portuguese, Moro, 1997, den Dikken, & O'Neil, 2017, among many others).

- (4) a) Hoje, a Joana está *bonita* (Today Joan is beautiful).
- b) O João está *um rapaz simpático* (John isestar a niceboy)
- c) O rapaz ficou *em pânico* (The boy panicked / The boy wasficar inpanick)
- d) A senhora ficou *bem* (The lady wasficar well).

The same verbs, *estar* and *ficar*, followed by a PP or an ADVP, present locative uses (5), with a locative interpretation of short duration or with temporal delimitation, which allows some authors to argue in favor of the realization of a delimited and localized state (cf., e.o., den Dikken, 2007).

(5) a) Os meus filhos estão na escola/lá/aqui (My children are in school / there / here)

b) Ontem, eu fiquei em casa/lá/aqui. (Yesterday, I stayed at home / there / here).

In this talk our main objective is to compare these verbs in Oral languages, in particular Portuguese, and in a sign language, LGP (Portuguese Sign language), particularly in state interpretations (1, 3, 4) and in location interpretation (2, 5), in order to understand their lexical- syntactic properties. For this goal, a small experiment in LGP was performed with simple sentences, mostly declarative, with a *corpus* produced by four fluent and native deaf signers and one fluent interpreter. From the sentences produced in LGP, it was possible to understand different gestures performed for these verbs, to evaluate the forms of realization and some of the syntactic aspects of the constructions.

In LGP, with a state reading, there is a null copula, being gestualized only the subject and the predicate, as can be seen in (6a) and (6b), corresponding to (4a) and (4c) in Portuguese:

----- *it*

(6a) J-O-A-N-A HOJE BONITA (LGP) (Choupina *et al.* 2015).

Joana Ø<sub>estar</sub> today very beautiful

'Today Joana is<sub>estar</sub> very beautiful'

----- *ict*

(6b) RAPAZ PÂNICO\_ [extension of the gesture] (LGP)

boy Ø<sub>estar</sub> panick

'The boy was<sub>ficar</sub> in panick'

However, when someone wants to express the meaning of a delimited and localized state, that is to say, when the predicate is a location, the verb is expressed by a special gesture (7a, 7b), corresponding to (5a,b):

(7a) FILHO MEU ESCOLA ESTAR\_MC(open hand)\_[static and suspended] (LGP)

children my school are<sub>estar</sub>)

'My children are in school'

(7b) ONTEM CASA FICAR\_MC(F)\_[repeated](LGP)

yesterday home stay

'Yesterday, I stayed at home'

One main question is if we have here the same verbs with two uses (state vs location), or if we have different verbs: a copulative verb, in fact, a null copula (also referred for Oral languages by Benveniste (1966) and more recently by Stassen (2013)), and another verb, a plain verb, with syntactic realization. Raposo (2013, p. 1332) also introduces this issue for Portuguese. In this talk, we propose that, in Portuguese or in LGP, *estar* / ESTAR contains an interpretable feature of terminal coincidence that can license its uninterpretable counterpart in the attributive clause (developing Bruckart,2012). But, in LGP, with an abstract predicate, that is, an abstract path, its expression is not necessary, either by a manual or by a non-manual movement; with a locative sense, that is, with a non-abstract path interpretation, ESTAR must be performed by a manual gesture. Therefore, LGP, a Sign language that, as other Sign languages, uses the syntactic space, seem to bring new data to the main point under discussion: with predicates that express a state or a change of state there is no linguistic realization of the copula, nor marking of spatial points; in locative interpretation, there is a gesture corresponding to each verb (cf.7a and 7b).

Keywords: verb typology; main verbs; predicative verbs; null copula; Portuguese Sign Language; European Portuguese.

## References

- Benveniste, É. (1966). La phrase nominale. In E. Benveniste (ed.), *Problèmes de linguistique générale* (151–167). Paris: Gallimard.
- Bruckart, J. M. (2012). Copular alternation in Spanish and Catalan attributive sentences. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 7, 9–43.
- Choupina, C. et al. (2015). ESTAR e FICAR na Língua Gestual Portuguesa: entre verbos copulativos e verbos principais. In Brito, A. M., & Choupina, C. (orgs). *Abstracts book of 1st Meeting Morphosyntax Portuguese Sign Language and other Sign Languages*, November, 26 and 27, 2015, (107–110). Porto: FLUP e ESE-P.Porto. (Poster Meeting presented)
- Den Dikken, M. (2007). Specificational Copular Sentences and Pseudoclefts. In M. Everaert, & H. C. Van Riemsdijk (Eds.). *The Blackwell Companion to Syntax* (2<sup>nd</sup> ed) (292 – 409). DOI: 10.1002/9780470996591.ch61
- Den Dikken, M., & O'Neill, T. (2017). Copular Constructions in Syntax. In M. Aronoff (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford: Oxford University. Doi: 10.1093/acrefore/9780199384655.013.137
- Duarte, I. (2003). Frases copulativas. In M. H. Mateus et al.(2003). *Gramática de Língua Portuguesa* (538–548). Lisboa: Caminho.
- Moro, Andrea. (1997). *The Raising of Predicates: Predicative Noun Phrases and the Theory of Clause Structure*. ISSN 0068–676X. Publisher, Cambridge University Press.
- Raposo, E. P. (2013). Orações copulativas e predicacões secundárias. In Raposo et al. (eds.). *Gramática do Português* (1285–1356). Lisboa: FCG.
- Stowell, T. (1981) *Origins of phrase structure*, PhD Diss., MIT.
- Stassen, L. (2013). Zero Copula for Predicate Nominals. In M. S. Dryer, & M. Haspelmath (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Available online at <http://wals.info/chapter/120>, Accessed on 2018–02–15.)

# Estrutura e funcionamento morfossintáticos de compostos em linearidade na LGP

Celda Morgado  
Jorge Pinto  
Cláudia Alves

ESE-IPP, CLUP, InED  
ESE-IPP  
FPCEUP

Integram o Léxico da Língua Gestual Portuguesa unidades diversificadas na sua natureza, estrutura e funcionamento morfossintáticos. Nesta comunicação, ocupar-nos-emos da análise morfológica de estruturas gestuais formadas por mais do que um elemento significativo gestualizado em linearidade, como as apresentadas no anexo 1, a fim de percebermos a estrutura e o funcionamento das estruturas morfológicas compostas na LGP, em distinção das estruturas derivadas.

Entendendo o processo de composição tal como apresentado por Amaral, Coutinho e Delgado-Martins (1994, p. 113-114), apenas os exemplos (1) e (2), respetivamente JARDIM e CABANA, poderiam ser considerados compostos, dado que são unidades novas formadas pela junção de dois gestos já existentes e autónomos. Em CABANA (2), regista-se uma supressão de um contacto no primeiro elemento do composto, processo, aliás, já apontado em Amaral, Coutinho e Delgado-Martins (1994) como uma das regras de composição de gestos por aglutinação, distintos dos gestos compostos por justaposição cujos gestos base permanecem inalterados. Também Mineiro e Duarte (2007) e Nascimento e Correia (2011) apresentam ainda como processos de formação de compostos a aglutinação e a justaposição. Correia (2014), num artigo dedicado particularmente à formação de gestos por derivação, reflete sobre a formação de estruturas que integram em simultaneidade de produção a mesma base realizada pela mão não dominante (FALAR COM AS MÃOS, VOZ DAS MÃOS e LINGUÍSTICA DA LGP), problematizando as fronteiras entre base e afixo e entre derivação e composição (Correia, 2014, p. 169). No entanto, os exemplos por nós analisados têm natureza distinta, dado que são estruturas policomponenciais em linearidade e não em simultaneidade, como os analisados por Correia (2014).

Os exemplos (3) a (5) são recorrentes na LGP, sendo formados por uma base lexical nominal e um classificador (unidade com significado, mas não autónoma no seu estatuto). A base lexical nominal pode sofrer um processo de supressão de contacto ou de movimento (4) e (5) ou não (3).

Neste sentido, pretendemos igualmente, neste estudo exploratório, compreender a natureza das unidades denominadas *classificadores* enquanto integrantes de estruturas complexas realizadas em linearidade, como acontece nos exemplos (3) a (5), no sentido de perceber o seu estatuto e funcionalidade, o que levará a delimitar os campos de atuação da derivação e da composição na LGP, no que a este tipo de estruturas diz respeito.

Na linha dos estudos morfológicos para o Português (cf., e.o., Villalva, 2003, e Rio-Torto, 2006), adotaremos as noções de compostos morfossintáticos (1) e de compostos morfológicos (2), assim como a discussão em torno das noções de radical, base e afixo no sentido de perceber qual o processo de formação dos exemplos (3) a (5) e o estatuto dos *classificadores* que as integram.

Estudo exploratório: análise de estruturas formadas por mais que um elemento significativo realizado em linearidade, considerando a natureza, o estatuto e os processos que afetam as unidades das estruturas; estruturas do tipo:

- i) Base lexical nominal + base lexical nominal + base lexical nominal
- ii) Base lexical nominal simplificada + base lexical nominal
- iii) Base lexical nominal + CL
- iv) Base lexical nominal simplificada + CL

A recolha está limitada ao dicionário multilingue *Spread the Sign* (<https://www.spreadthesign.com/pt/>).

Palavras-chave: LGP; estruturas compostas em linearidade; classificadores; composição.

#### Referências bibliográficas

Amaral, M. A., Coutinho, A., & Delgado-Martins, M. R. (1994). *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Correia, I. (2014). Morfologia Derivacional em Língua Gestual Portuguesa: Alguns Exemplos. *Exedra*. Coimbra: IPC.

Dicionário Multilingue *Spread the Sign* (<https://www.spreadthesign.com/pt/>).

- Mineiro, A., & Duarte, L. (2007). Terminologia em Língua Gestual Portuguesa: uma necessidade para a tradução? Alguns processos de formação de gestos em Ciências Naturais. In *Actas das Comemorações dos 75 anos do CLUL – Sessão de Estudantes*. Lisboa: CLUL.
- Nascimento, A., & Correia, M. (2011). *Um olhar sobre a Morfologia dos Gestos*. Lisboa: UCP/PRO\_LGP.
- Rio- Torto, G. (2006). O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. In M. F. Athayde (ed. lit.). *Estudos sobre léxico e gramática*. Coimbra: CIEG/FLUC, 11-34. (Cadernos do Cieg; 23). ISBN 9729903328
- Villalva, A. (2003). Formação de palavras: composição. In M. H. M. Mateus et al. *Gramática da Língua portuguesa* (971-983). Lisboa: Caminho.

Anexo 1 – Exemplos em LGP (Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt/>)

(1) JARDIM



CASA



PLANTA



ÁREA

(2) CABANA



CASA (-1contacto)



MADEIRA

(3) MANSÃO



CASA



CL<sub>tamanho</sub>

(4) PRÉDIO



CASA (-1contacto)



CL<sub>altura</sub>

(5) MORADIA



CASA (-1contacto)



CL<sub>altura e posição</sub>

# The role of facial expression in size and shape specifiers

Marta Morgado  
Victoria Nyst

Leiden University  
Leiden University

It is known that size and shape specifiers (SASS) are also marked by facial expressions in different sign languages (Lu & Goldin-Meadow, 2018).

This research is looking into facial expressions for SASS, specifically in West African village sign languages, namely those of Adamarobe, in Ghana (Nyst, 2007, 2016a, 2016b), and of Bouakako, in Ivory Coast (Tano, 2016).

For this study, deaf villagers were filmed, 24 in Adamarobe, and 6 in Bouakako, telling spontaneous narratives about animal attacks, which included mainly different types of snakes.

The analysis focused on facial expressions used for size and shape depiction and was coded accordingly in order to allow a comparison of this particular feature in both villages' sign languages: Adamarobe Sign Language (AdaSL) and Bouakako Sign Language (LaSiBo).

Keywords: village sign language; African sign language; size and shape specifier; facial expression non-manual.

## References

- Lu, J. C., & Goldin-Meadow, S. (2018). Creating Images With the Stroke of a Hand: Depiction of Size and Shape in Sign Language. *Frontiers in psychology*, 9, 1276. doi:10.3389/fpsyg.2018.01276
- Nyst V. (2016a). Size and shape depictions in the manual modality: a taxonomy of iconic devices in Adamarobe Sign Language, *Semiotica* (210), 75-104.
- Nyst V. (2016b). The depiction of size and shape in iconic gestures accompanying object descriptions in Anyi (Côte d'Ivoire) and in Dutch (The Netherlands), *Gesture*.

Nyst V.A.S. (2007). A descriptive analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana) (PhD thesis, Faculteit der Geesteswetenschappen, University of Amsterdam) LOT dissertation series. Utrecht: LOT.

Tano A.J.J. (2016). Etude d'une langue des signes émergente de Côte d'Ivoire: l'exemple de la langue des signes de Bouakako (LaSiBo) (PhD thesis. Leiden Institute for Linguistics (LUCL), Humanities, Leiden) LOT dissertation series no. 437. Utrecht: LOT.

# Os efeitos da Modalidade em Unidades Lexicais Sinalizadas Classificadoras: uma análise FONOMORFOSSINTÁTICA da Língua de Sinais Brasileira

Sandra Nascimento

Univ. Brasília

Desde o reconhecimento do status linguístico das línguas gestuais/sinalizadas, os estudos linguísticos seminais no âmbito dessas línguas buscaram descrever características, fenômenos e regularidades linguísticas, em comparação com estruturas equivalentes em línguas orais. Estudos mais recentes, mais especificamente, acerca da Língua de Sinais Brasileira, entretanto, vêm buscando descrever e analisar essa língua, com ênfase nas especificidades inerentes à modalidade, o que, de certa forma, dá mais autonomia à descrição das línguas de sinais, o que permite o registro de características e fenômenos típicos das línguas gestuais/sinalizadas. Considera-se “modalidade”, nesse estudo, a natureza da produção e da recepção linguística manifestada na Língua de Sinais Brasileira, em contraste com a Língua Portuguesa. A denominação dada às línguas “orais” e às línguas “sinalizadas/gestualizadas”, respectivamente, línguas de modalidade oral-auditiva e línguas de modalidade corporal-visual (para se referir às línguas gestuais/sinalizadas). Destaca-se que em boa parte da literatura que trata do tema, entre os termos encontrados para denominar essa modalidade estão: viso espacial, visual espacial e espaço visual. Paralelamente, mencionamos os “efeitos da modalidade”, conforme empregado no título, referindo-nos às características linguísticas de diferentes naturezas implicadas nessa diferença pré-existente tanto nas línguas orais quanto nas línguas gestuais/sinalizadas.

Toda a abordagem linguística em torno deste estudo emerge alicerçada em (i) “Estudos da Linguística” das Línguas Gestuais/Sinalizadas (Faria-Nascimento, 2013; Faria-Nascimento, & Correia, 2011; Sandler, 2006; Mineiro, & Duarte, 2007; Duarte, 2009; Basílio, 2004; Corbin, 1997; Klima, & Bellugi, 1979; Stokoe, 1960); (ii) “Estudos das Tipologias Linguísticas” das línguas gestuais/sinalizadas; (Moravcsik, 2016; Croft, 2003; Quintopozoz, 2002; Grinevald, 2000); (iii) “Estudos dos Classificadores” nas Línguas Gestuais/Sinalizadas (Bernardino, 2012; Bernardino et al., 2004; Zeshan, 2002, 2003; Emmorey, 2003; Liddell, 2003; Supalla, 1986) e, por fim, (iv) “Estudos acerca dos efeitos da modalidade linguística” das línguas gestuais/sinalizadas” (Quadros, 2006; Meier,

2002; 2009).

Esta pesquisa emergiu de discussões iniciadas no segundo semestre de 2011, durante a realização da disciplina “Morfologia das Línguas de Sinais”, vinculada ao programa de pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília. A partir dos dados colhidos, desde 2013, novas análises vêm sendo desenvolvidas por meio de estudos que buscam entender como os Classificadores (CLs) em Línguas Gestuais/Sinalizadas são constituídos fonomorfossintaticamente e semanticamente. Destarte, este trabalho visa identificar regularidades na constituição de CLs em Língua de Sinais Brasileira (LSB ou Libras), além de buscar entender o papel da repetição de formas, movimento e outras unidades constituintes de uma Unidade Lexical Gestual (ULG)/Unidade Lexical Sinalizada (ULS), representação linguística das estruturas classificadoras elencadas em LSB. Identificamos que, embora, aparentemente, a constituição dos CLs seja a mesma de uma ULG/ULS, os CLs têm uma estrutura semântica complexa e as relações sintáticas estabelecidas por eles manifestam-se por meio da repetição.

A metodologia empregada nesta pesquisa foi qualitativa, motivada pela análise de dados extraídos de aulas da Disciplina supramencionada. A seleção de estruturas deu-se, inicialmente, de forma intuitiva, o que nos permitiu agrupar ULGs/ULS construídas com a mesma CM. Ancorados nos princípios da Morfologia Construcional, propostos no Modelo Sílex (Corbin, 1997), cujas bases contribuem com os estudos a respeito dos processos construcionais lexicais e terminológicos da LSB. À luz das bases morfológicas apresentadas por pesquisadores da LSB, este estudo analisou (indutiva e intuitivamente) alguns verbos classificadores em Língua de Sinais Brasileira, o que permitiu afirmar que uma CM, fonologicamente constituída, carrega traços semânticos que, morfológicamente organizados, refletem uma estrutura sintática complexa. Desta forma, sinais novos, em especial Classificadores, podem agregar, e ao mesmo tempo refletir, informações semânticas de interpretação sintática. Durante os estudos realizados, surgiu a hipótese de que a CM escolhida para constituir uma ULG/ULS carrega uma informação semântica; um importante elemento construcional na constituição morfológica de uma ULG/ULS, constituída com significação simples, a qual podemos identificar como um referente gramatical ou lexical, bem como com significação complexa, que se iguala a uma unidade morfossintática na LS. Complementarmente, nortearam o estudo, entre outras, as seguintes questões: (i) As CMs empregadas na constituição de ULG/ULS são arbitrárias ou motivadas? Como distinguir uma ULG/ULS com significado simples de uma ULG/ULS com um significado complexo? (ii) A repetição torna a ULG/ULS uma unidade morfossintática? (iii) Como distinguir o movimento de uma ULG/ULS com estrutura léxico-morfológica de uma ULG/ULS com estrutura morfossintática interna? Todas essas questões tiveram uma resposta positiva.

Por fim, este estudo vem contribuindo tanto com a descrição quanto com a expansão das análises linguísticas das línguas gestuais/sinalizadas, uma vez que identificou e sistematizou formas classificadoras com conteúdos nominais e sintáticos, que compõem as ULGs/ULS, cujo valor embutido inclui uma visão semântico-oracional ou semântico-sintática. Ao final, assumimos que as ULG/ULS classificadoras são constituídas a partir de traços *fonomorfossintáticos*, que tornam a Língua de Sinais Brasileira bastante específica e diferenciada das línguas orais.

Palavras-chave: Classificadores; Efeitos da Modalidade, Fonomorfossintaxe, Semântica, Línguas Gestuais/Línguas de Sinais; Língua de Sinais Brasileira, Morfossintaxe; Modelo Silex, Morfologia Construcional, Linguística Cognitiva, Tipologia Linguística.

#### Referências bibliográficas

- Amaral, M. A., & Coutinho, A. (1994). *Para uma gramática da língua gestual portuguesa* [Coleção universitária, série Linguística]. Lisboa: Caminho.
- Basílio, M. (2004). *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. SP: Contexto.
- Bernardino, E. L. A. (2012). O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- Bernardino, E., Hoffmeister, R., & Allen, S. (2004). *The use of classifiers in Verbs of Motion and Verbs of Location in Brazilian Sign Language. Second Research paper Project* (Unpublished). Boston University. Boston: MA.
- Comrie, B. (1989). *Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology*. (2nd ed.) Chicago: University of Chicago Press.
- Corbin, D. (1997). Entre les mots possibles et les mots existants: les unités lexicales à faible probabilité d'actualisation. *Si lexicales*, nº 1, Publication de L'U.R.A. 382 du C.N.R.S. (SILEX) – Université de Lille III.
- Croft, W. (2003). *Typology and Universals*. (2nd ed.) Cambridge: Cambridge University Press.
- Duarte, L. (2009). *Processos de Formação de Gestos Terminológicos em LGP, no Domínio das Ciências Naturais*. Tese de Mestrado. Lisboa. Instituto Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

- Duarte, L., & Mineiro, A. (2007). Terminologia em Língua Gestual Portuguesa: uma necessidade para a tradução? Alguns Processos de Formação de Gestos em Ciências Naturais. Comemorações dos 75 anos do CLUL – Sessão de Estudantes.
- Emmorey, K.(Ed.) (2003). *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Faria-Nascimento, S. P. (2013). *A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares*. In R. M. Quadros, M. R. Stumpf, & T. A. Leite (orgs). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais I. Série Estudos de Língua de Sinais (79-116)*. Vol.I. Florianópolis: Insular. ISBN: 978-85-7474-709-5.
- Faria-Nascimento, S. P., & Correia, M. (2011). *Um olhar sobre a Morfologia dos Gestos*. Lisboa: UCP. (Coleção: Língua Gestual Portuguesa - Nº15). ISBN: 9789725403181(148pp.).
- Grinevald, C. (2000). A morphosyntactic typology of classifiers. In S. Gunter (Ed.), *System of Nominal Classification (50-92)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Klima, E. S., & Bellugi, U. (1979). *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press.
- Liddell, S. (2003). Sources of Meaning in ASL Classifier Predicates. In K. Emmorey (Ed.), *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Meier, R. P. (2009). Why different, why the same?: explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In R. P. Meier, K. Cormier, A. Mineiro, L. Duarte, J. Pereira, & I. Morais, Adding other pieces to the Portuguese Sign Language Lexicon Puzzle, *Cadernos de Saúde* 1, 83- 98.
- Moravcsik, E. A. (2016). *Introducing Language Typology*. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 20, issue 3.
- Quadros, R. M. (2006). Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. *Educação Temática Digital*, v. 7, n. 2, 168- 178.
- Quintopozoz, D. (2002). *Modality and structure in signed and spoken languages*. New York: Cambridge University Press.
- Sandler, W., & Lillo-Martin, D. (2006). *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: University Press.

- Stokoe, W. L. (1960). Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics, Occasional Papers*, Nº 8 Buffalo, N. York: University of Buffalo Press.
- Supalla, T. (1986). The classifier system in American Sign Language. In C. Craig (Ed.), *Typological studies in language: noun classes and categorization*. 7, (181-214). Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company.
- Zeshan, U. (2002). Towards a Notion of 'Word' in Sign Languages. In R. M. W. Dixon, & A. Y. Aikhenwald (eds., *Word: A cross-linguistic typology* (153-179). Cambridge: Cambridge University Press.
- Zeshan, U. (2003a). Indo-Pakistani sign language grammar: a typological outline. *Sign Language Studies*, Washington, v. 3, n. 2, 157-212.
- Zeshan, U. (2003b). Classificatory constructions in Indo-Pakistani sign language: Grammaticalization and lexicalization processes. In K. Emmorey, *Perspectives on classifier constructions in sign languages* (113-141). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

## ANEXO

- Vídeos produzidos a partir dos dados coletados. Acesse: [https://drive.google.com/drive/folders/1JSsYwpr4\\_5NcdWH6DkU288Mjr\\_wFJFVnD?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1JSsYwpr4_5NcdWH6DkU288Mjr_wFJFVnD?usp=sharing)

Nomedoarquivo: 2019-Os efeitos da Modalidade em ULS Classificadoras  
Diretório: C:\Users\admin\Documents  
Modelo: Normal.dotm  
Título:  
Assunto:  
Autor: WindowsUser  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Datadecriação: 07/09/2019  
22:05:00 Número de alterações: 6  
Últimagravação: 07/09/2019  
22:50:00 Salvopor: admin  
Tempo total de edição: 45 Minutos  
Última impressão: 07/09/2019  
23:55:00 Como a última impressão  
Número de páginas: 7  
Número de palavras: 3.190 (aprox.)  
Número de caracteres: 17.231 (aprox.)

## O plural de nomes reduplicados na Libras

Jair Barbosa da Silva  
Humberto Araújo Neto  
Rodrigo Nogueira Machado

UFAL  
UFAL  
UFC/UFAL

Os processos morfológicos de derivação e flexão são dos mais conhecidos em termos de descrição linguística das línguas orais, embora não haja consenso dos linguistas entre os limites desses dois processos (BYBEE, 1985). Em linhas gerais, a flexão se dá por meio do acréscimo de morfemas, com diferentes funções gramaticais, a uma base lexical, sem que haja mudança de classe. A derivação, por sua vez, instancia-se pelo acréscimo de afixos a uma base léxica ou raiz, com mudança de classe. No entanto, antes de serem processos dicotômicos, flexão e derivação podem ser considerados gradientes, havendo, pois, um *continuum* entre eles, que vai da flexão à derivação.

Se em línguas orais, sobretudo aquelas de morfologia rica, a exemplo do Português, cujas descrições reportam a longas datas, é complexo o estabelecimento entre o flexional e o derivacional, o que dizer de línguas com morfologia fraca e pouco descritas, como é o caso das línguas de sinais, e, para além disso, de modalidade visual-gestual?

Em Língua Brasileira de Sinais (doravante, Libras) há uma carência de investigações que tenham como foco descrever as estratégias de formação plural nessa língua, bem como as de nominalização, portanto, de casos de flexão e de derivação, conceitos caros à morfologia. Considerando a complexidade estrutural das línguas de sinais, juntamente com as poucas descrições que se tem da Libras, o objetivo deste trabalho é analisar o fenômeno plural de nomes (substantivos) em casos que se confundem com nominalização, ou vice-versa, frisando a seguinte questão que daqui se desdobra: se é o efeito de reduplicação que determina a derivação em Libras, pelo menos para alguns nomes, qual é a estratégia de pluralização adotada para esses nomes? Para tal, apresentaremos o funcionamento e as implicações estruturais de línguas visuais-gestuais nos mecanismos formacionais.

Os dados descritos foram coletados a partir de vídeos produzidos para uma prova de vestibular do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas, versão 2017; são públicos, de livre acesso em página da Comissão Permanente de Vestibular – COPEVE/UFAL.

Trata-se, portanto, de dados provenientes de língua em uso, em estilo acadêmico, formal. Foram feitas elicitções de dados de 20 vídeos produzidos em contexto acadêmico por um surdo fluente em Libras, de 32 anos, professor universitário, aluno de doutorado, com vasta experiência em tradução e interpretação de Libras/Português. As produções linguísticas foram realizadas em estúdio fechado, em sigilo por se tratar de uma prova de seleção, tendo o acesso a elas apenas depois dos resultados do certame, momento em que se tornam públicas. Para transcrição, seguiram-se os modelos de convenção encontrados em Pfau et al. (2012) e Quer et al. (2018). Do escopo aqui utilizado, selecionamos os casos em que a flexão de plural por reduplicação se confunde com a nominalização (derivação por reduplicação), são eles: MORRER, ACONTECER, EXPLICAR, PAGAR e PUBLICAR.

Da análise, percebe-se que o entendimento da pluralização de itens nominalizados depende de alguns fatores, tais como: se o item subsequente está pluralizado (ou o antecedente, no caso do sinal-alvo estar topicalizado); se o item nominalizado concorda espacialmente com o item subsequente demarcado em mais de um ponto referencial; ou se reduplica além do número *default* (3x). Sobre a relação entre reduplicação e função nominal, observa-se que a relação morfossintática é essencial para esse tipo de conclusão, reforçando a afirmação de Duarte (2008), em que os planos sintático e semântico podem oferecer respostas mais consistentes que o plano morfológico isoladamente. Isso se faz verdadeiro para as línguas de sinais, especialmente na Libras, língua de morfologia fraca (se comparada ao Português). Além disso, constatou-se que as marcas prosódicas não podem ser negligenciadas em estudos sobre pluralização, cuja consideração foi inevitável em nosso estudo.

Palavras-chave: Língua de sinais; Morfossintaxe; Pluralidade.

#### Referências bibliográficas

Borstell, C., Lopic, R. & Belsitzman, G. (2016). Articulatory plurality is a property of lexical plurals in sign language. *Linguisticæ Investigationes*, 39(2), 391–407.

Bybee, J. (1985). *Morphology. A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins.

Duarte, S. (2010). Flexão e derivação – dois processos morfológicos. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, [s.l.], v. 12, n. 1, 196–206  
<http://dx.doi.org/10.5216/lep.v12i1.11782>. Disponível

em: <<https://revistas.ufg.br/lep/article/download/34454/18161/>> [Consultado em 25/01/2019]

Lara, M. C. P. (2017). *A pluralidade em Libras*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/50278>>. [Consultado em 20/01/2019].

Pfau, R., & Steinbach, M. (2006). Pluralization in Sign and in Speech: A Cross-modal Typological Study. *Linguistic Typology*, (10), 135–182.

Quadros, R. M., & Karnopp, L. B. (2004). *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed.

# Reduplicação na língua brasileira de sinais

Fabiane Elias Pagy

Univ. Brasília

A pesquisa visa apresentar o fenômeno da reduplicação presente na Língua Brasileira de Sinais (Libras), mas ainda pouco aprofundado na literatura atual.

A primeira etapa deste trabalho e que, de certa forma, esteve presente ao longo de toda esta pesquisa, consistiu em um levantamento de ampla bibliografia disponível acerca do tema reduplicação. Buscamos a literatura sobre línguas orais e línguas de sinais. Daí, chegamos à literatura a respeito da Língua Brasileira de Sinais e à presença desse fenômeno nela. Após análise de todo o arcabouço teórico e elaboração do referencial teórico, realizamos uma análise de vídeo-aulas do curso de graduação em Letras-Libras (Polo-UnB), que abrange o uso formal da Libras, em um ambiente acadêmico. Com os dados em mãos analisamos empiricamente a reduplicação, seu funcionamento, os tipos encontrados na Libras, que pode produzir um efeito flexional ou derivacional nos sinais em que ocorre; suas funções na construção do discurso sinalizado, agindo diretamente na formação do léxico da Libras, apresentando ao interlocutor conceitos de pluralidade, processo, duração, intensidade e mudanças de classes com a sua realização; também comentamos o caráter icônico desse fenômeno no discurso e a produtividade da reduplicação, sendo considerada como um dos processos de formação de palavras de uma língua, seja ela oral ou de sinais. Além disso, apresentamos a teoria do *continuum* defendida por Bybee (1985) e Haspelmath (2002), que não categoriza um fenômeno taxativamente, tratando assim a reduplicação como um fenômeno tanto flexional quanto derivacional.

Palavras-chave: Morfologia; Libras; Reduplicação; Flexão; Derivação.

## Referências bibliográficas

Aronoff, M., & Fudeman, K. (2005). *What is Morphology?* UK: Blackwell Publishing.

Brasil. *Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. [Consultado em 24/07/2018].

Brasil. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em:

<<http://www.planalto.gov.br>>. [Consultado em 24/07/2018].

Crystal, D. (2008). *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. (6ª ed.). UK: Blackwell Publishing.

Dubois, J. et al. (1973). *Dicionário de Linguística*. (Trad. Izidoro Blikstein da Universidade de São Paulo). São Paulo: Editora Cilti.

Ferreira-Brito, L. (1995). *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia.

Ferreira-Brito, L. (2001). *Repetição e reduplicação em Língua Brasileira de Sinais*. UFRJ e MEC. Papian. Rio de Janeiro.

Gomes, D. M. (2006). *Estudo Morfológico e Sintático da língua Mundurukú (Tupi)*. Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística. Brasília.

Gomes, D. M. (2007). *Reduplicação verbal em Mundurukú*. In A. S. A. C Cabral, & A. Rodrigues, *Línguas e culturas dos povos Tupi*. Campinas: Curt Nimuendaju. *Graz Database on Reduplication*. Disponível em: < <http://reduplication.uni-graz.at/>> [Consultado em 20/07/2018].

Haspelmath, M. (2002). *Understanding morphology*. Londres: OUP.

Leite, T. de A. (2008). *A segmentação da Língua Brasileira de Sinais (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor em Letras. São Paulo.

Lyons, J. (1987). *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara.

Pagy, F. E. (2012). *Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras)*. Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Brasília.

Petter, M. (2005). *Morfologia*. In J. L. Fiorin (org.) Introdução à linguística (vol. 2). (4.ª ed.) São Paulo: Contexto.

Quadros, R. M., & Karnopp, L. B. (2004). *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre. Artmed.

Stokoe, W. C. (1978). *Sign Language structure*. Silver Spring: Linstok Press.

Strobel, K. L., & Fernandes, S. (1998). *Aspectos Linguísticos da Libras*. Curitiba. SEED/SUED/DEE.

# Influência da morfossintaxe da língua brasileira de sinais na escritura em língua portuguesa como L2 de candidatos surdos ao ensino superior no Brasil

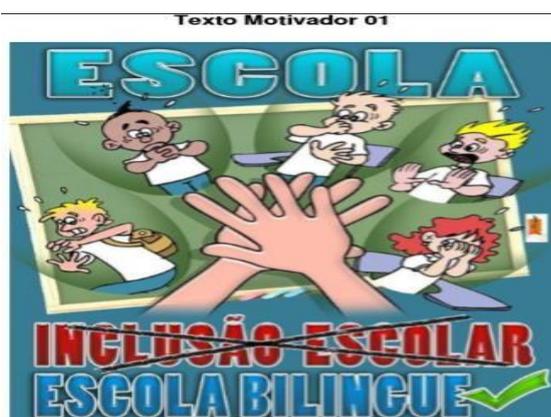
Cleide Emília Faye Pedrosa

UFS-Brasil; UL-Portugal

Após a abertura de cursos de Letras Libras (Língua Brasileira de Sinais) em várias Instituições Federais do Brasil, o acesso do cidadão surdo a estes cursos têm sido por meio de cotas. Contudo, estes precisam também, a depender da escolha da instituição, submeterem-se a um vestibular especial (prova de seleção para entrada no ensino superior) ou fazer a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). A Universidade Federal de Sergipe (UFS) escolheu o vestibular especial. Para esta comunicação, trabalharemos com os textos produzidos por candidatos surdos para entrada nesta instituição.

O objetivo da comunicação será identificar a influência da morfossintaxe da Libras nas produções escritas em Língua Portuguesa como L2 de candidatos surdos para ingresso no ensino superior.

Metodologicamente, selecionaremos exemplos das produções dos surdos de 2014. Neste primeiro ano, os textos motivadores trataram de comparar o ensino bilíngue e o ensino inclusivo. As categorias serão indicadas nas áreas da morfossintaxe na sua relação da construção semântica do texto, tendo por base a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 2004, 2017; Vian Júnior, 2017). Como contextualização dessas produções, indicaremos os textos motivadores que estão na base da exigência das produções escritas. Em 2014, foi solicitado que o candidato defendesse o ensino bilíngue ou inclusivo ("Com base nos textos motivadores, escreva um texto dissertativo, entre 20 e 30 linhas, defendendo a sua posição para a inserção de surdos no contexto escolar: inclusão escolar ou escola bilíngue?"). Dois textos motivadores fizeram parte da prova. Vejamos:



### Texto motivador 02

“O ideal de inclusão defendido pelas leis atuais prevê que todas as crianças frequentem a escola regular, e esta deve se fazer apta a recebê-las. Mas o que acontece quando a primeira língua dos alunos não for o português? A questão se complica. Os surdos têm como primeira língua aquela com a qual se sentem mais à vontade, e que os ajuda a expressar melhor ideias e sentimentos: a Língua de Sinais Brasileira (ou Libras). E é por isso que, em sua maioria, a comunidade surda - representada, entre outros órgãos, pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) - defende não a inclusão em classes comuns, mas a existência de escolas bilíngues, com salas em que sejam ensinados a língua de sinais e o português escrito.”

(Extraído e editado de <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/inclusao-surdez-752480.shtml>, acessado em 19/04/2014, às 19:27)

Duas dezenas de surdos fizeram a prova, como exemplos ilustrativos, recortamos:

21400004 LL-4FS/2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE			FALTA	Digito Verificador
PROFESSORIA DE GRADUAÇÃO - COORDENAÇÃO DE CONCURSO VESTIBULAR			<input type="checkbox"/>	0 <input type="radio"/>
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	COERÊNCIA	0 1 2 3
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	COESÃO	0 1 2 3
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	EXPRESSÃO	0 1 2 3 4
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Assinatura do 1º Examinador	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Assinatura do 2º Examinador	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Assinatura do 2º Examinador	
<b>REDAÇÃO</b>				

01 A escola bilíngue surda na feneis quase fechar na  
02 escola porque surdo precisam primeiro lingua brasileira  
03 sinais e segunda lingua português diferenças surdo  
04 e ouvinte, feneis brasileira não aceita bilíngue escola  
05 proprio surdo, porém escola os professores tem dificuldade  
06 inclusão em português e libras, metodologia proprio surdo  
07 tem visual da libras natural conhecido mais habilidade  
08 lingua surdo.  
09 A escola poderia ser intérprete na sala ou muita professor  
10 tradução em libras, mas bilíngue na escola não tem

A partir dos exemplos analisados, podemos respaldar a influência de línguas em contatos, e as estratégias de transferência da língua materna, de simplificação, entre outros (Brochado, 2003).

Palavras-chave: Curso Letras Libras; Ensino superior; Textos escritos em LP; Influência morfossintaxe da Libras; Candidatos Surdos.

### Referências bibliográficas

Brochado, S. (2003). *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102476>.

Halliday, M.A.K. (2017). *Obras esenciales de M.A.K. Halliday / M.A.K. Halliday* (compilado por Elsa Ghio, Federico Navarro, Annabelle Lukin) (1.ª ed.) Santa Fe: Ediciones UNL. Libro digital, PDF (Ciencia y Tecnología).

Halliday, M. A. K. (2004). *An introduction to Functional Grammar*. [Revisão de Christian M. I. M. Matthiessen]. (3ª ed.) London: Edward Arnold.

Vian Jr., O., & De Souza, M. M. (2017). Linguística Sistemico-Funcional e suas contribuições à pesquisa linguística no contexto brasileiro. *Revista Odisseia*, v. 2, 185 - 203. <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12887/9024> [Consultado em 10/06/19].

# Análise da referenciação na libras em contraste com a LSE

Leidiani da Silva Reis  
Jorge Bidarra

Universidade de Vigo/CNPq  
UNIOESTE

O processo de referenciação nas línguas é produzido na interação, e depende de uma série de fatores cognitivos, linguísticos e discursivos, sendo fundamental para a condução da progressão textual, para a constituição dos sentidos e para os propósitos comunicativos dos interlocutores (Mondada; Dubois, 2003; Apothéloz, 2003). Propomos, nesse sentido, apresentar o estudo da referenciação na Língua Brasileira de Sinais (Libras) em cotejo com a Língua de Sinais Espanhola (LSE), buscando observar tanto as semelhanças quanto as diferenças de construção e reconstrução de objetos-do-discurso nessas duas línguas de sinais. Destacamos que esse estudo emana da pesquisa de Pós-Doutoramento no Exterior (PDE), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil, em parceria com o grupo de investigação “Gramática, Discurso e Sociedade” (GRADES) da Universidade de Vigo-Espanha, e com o grupo de pesquisa PORLIBRAS da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Brasil. Dado esse contexto, procuramos responder às seguintes indagações: (i) À luz da teoria da *Referenciação*, como ocorre o processo referencial na Libras e na LSE? (ii) São usadas na Libras as mesmas estratégias de construção e reconstrução do objeto-do-discurso usadas na LSE?

Assumimos como metodologia a pesquisa de cunho qualitativo, em que o *corpus* é constituído de gravações de elicitación de narrativas – comumente usadas em pesquisas contrastivas, *Pear Film* e *Frog Story* –, feitas com sujeitos surdos, sendo três em Libras e três em LSE. A partir das gravações, o passo seguinte é a construção da glosa em Libras e em LSE, e para a anotação do *corpus* usamos o programa ELAN (EUDICO – *Linguistic Annotator*). Tais glosas são organizadas de forma a constituir um *Corpus* multilíngue, orientado pela Linguística de *Corpus*, por meio do qual podemos analisar qualitativamente o processo referencial na Libras em contraste com a LSE. Arelamos ao processo analítico (i) a perspectiva teórica da referenciação moderna, em que os processos referenciais apresentam características, muitas vezes em um *continuum*, não permitindo uma divisão estanque entre eles (Santos; Cavalcante, 2014; Moraes, 2017); e (ii) os trabalhos que dizem respeito especificamente ao processo referencial nas línguas de sinais, ou seja, baseamos-nos em estudos realizados em outras línguas visuoespaciais.

Partimos, especialmente da proposta de Pizzuto et al. (2006), desenvolvida nas línguas de sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS), em que os pesquisadores propõem o entrecruzamento do dêitico e da anáfora, permitindo aos sinalizantes mostrar (dêixis) e retomar (anáfora) referentes no espaço de sinalização, simultaneamente.

Com as análises realizadas contrastivamente em Libras e em LSE, observamos que o processo referencial em ambas as línguas é marcado principalmente por esse uso constante e simultâneo do dêitico e da anáfora, denominado dêitico-anafórico, subdividido em: *classe padrão* e *classe de complexas unidades manuais e não-manuais*, que exibem estruturas altamente icônicas - denominadas Estruturas Altamente Icônicas (EAI) (Pizzuto et al., 2006; Reis, 2016; 2018; 2019) ou 'Transferenciais' (Cuxac, 2000). Os dêíticos-anafóricos podem ser considerados estratégias fundamentais para a condução da cadeia referencial em ambas as línguas, considerando a construção do referente em pontos específicos no espaço de sinalização (Engberg-Pedersen, 1993; Schenker, 2016).

Palavras-chave: Libras; LSE; Processo Referencial; Dêitico-anafórico.

#### Referências bibliográficas

- Apothéloz, D. (2003). Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In M. M. Calvacante, B. B. Rodrigues, & A. Ciulla (Orgs.), *Referenciação*. São Paulo: Contexto.
- Cuxac, C. (2000). La Langue des Signes Française (LSF). Les voies de l'íconicité. *Faits de Langues*, Paris, 15-16.
- Engberg-Pedersen, E. (1993). *Space in Danish Sign Language*. Hamburg: Signum- Verlag.
- Mondada, L., & Dubois, D. (2003). Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In M. Cavalcante, B. Rodrigues, A. Ciulla (Orgs.), *Referenciação*. São Paulo: Contexto. (Coleção Clássicos da Linguística).
- Morais, M. A. (2014). *Referenciação em campo: a construção de sentidos nas notícias esportivas*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- Pizzuto, E. et al. (2006). Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In R. M. Quadros, & M.L. B. Vasconcelos (Orgs. e Trad.). *Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais*. Editora Arara Azul. Petrópolis. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/36.pdf>>
- Reis, L. S., & Bidarra, J. (2016). A anáfora na interface Português-Libras. *Revista Interletras*. Dourados – MS, v. 6, n. 24.
- Reis, L. S., & Bidarra, J. (2018). Anáfora na Língua Brasileira de Sinais: uma proposta de categorização. *Documentos de Trabalho em Ciências da Linguaxe*, v. 1, 1-44.
- Reis, L. S. (2019). *O Processo Referencial na Libras face às Ocorrências Anafóricas em Língua Portuguesa*. Doutorado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).
- Santos, L., & Cavalcante, M. (2014). Referenciação: continuum anáfora-dêixis. *Intersecções*, Jundiaí, v. 12, n. 1.
- Schlenker, P. (2016). Conditionals as definite descriptions: a referential analysis. *Research on Language and Computation*, 2(3):417-462.



To show that the indefinite NMM forces the NSI reading, we contrast the unacceptability of (2) in which the continuation with a co-referent specific pronoun leads to ungrammaticality with the acceptability of (3):

-----NSI-NMM

(2) # IX-1 WANT BUY [1 BOOK LIBRAS], BUT FIND-NO IX-3(pron.) NO  
 “\*I wanted to buy a book (any) of LIBRAS, but I could not find it”

-----NSI-NMM

(3) IX-1 WANT BUY [1 BOOK LIBRAS], BUT FIND-NO ANYTHING 1 ANYTHING  
 “I wanted to buy a book (any) of LIBRAS, but I could not find one”

I suggest that this non-specific indefinite NMM, despite of being realized as an affixal feature, can be analyzed as a real article in LIBRAS, considering the following analysis: *i.* Simonenko (in press) points out the existence of a universal tripartite system of determiners, in comparison to Cardinaletti & Starke’s (1999) tripartite structure for pronouns, in which the existence of full, clitic and bound determiners is predicted. This proposal is in line with Payne (1997) that defined an article as an operator that can display different morphological realizations. For instance, in the languages Bambara (Clements, 2000, p. 156) and Orongo (Van DE Velde, & Ambouroué, 2011), the difference between definite and indefinite DPs is based on tonal (suprasegmental) alterations, which means that these languages, as LIBRAS, have prosodic (bound) determiners; *ii.* There are languages like Lakhota and Q’anjobal (mayan) (Becker, 2018) which have non-specific articles in the language system. These languages seem to have evolved these articles from conditional and *irealli*s markers, and a similar pattern is also attested for LIBRAS; and, finally, I suggest that *iii.* The non-specific indefinite article in LIBRAS may have been grammaticalized from the non-manual negative item used in the contexts of negation involving epistemic verbs (left-hand image in fig. 3), that appears to be different from the default non-manual negative item (right-hand image in fig. 3). As a result of the grammaticalization process, the negative adverbial marker decategorizes to a determiner, and a phonological erosion is perceived in which the headshake of the negation marker is shortened in the determiner form. The contrast in (4) shows that the NSI non-manual article is semantically bleached, as the only available reading for the NMM when it spreads over the noun in (4) is the one in (4a) that expresses determiner function, but not the negative reading anymore (4b).

(4)

\_\_\_\_\_ NSI-NMM

HOMEM

SAIR

a. <sup>OK</sup> 'um homem saiu'

b. \*'não sei se é (um) homem' / \*'não é (um) homem'

Keywords: Specificity; Indefinite Noun Phrases; Articles; LIBRAS.



Fig.1 – Non-specific indefinite non-manual marking – NSI-NMM (primary data).

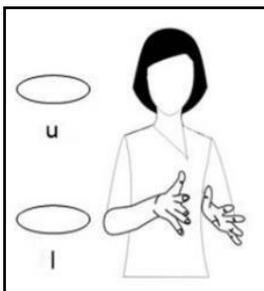


Fig.2 Spatial affixal features (Barberà, 2012, p.256)

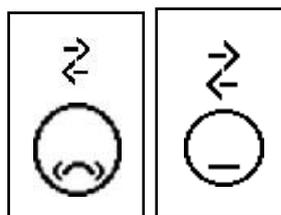


Fig.3 Non-manual negative item in epistemic contexts (left-hand image), Default non-manual negative item (right-hand image). (primary data)

## References

Barberà Altimira, G. et al. (2012). *The meaning of space in Catalan Sign Language (LSC). Reference, specificity and structure in signed discourse*. Tese de Doutorado. Universitat Pompeu Fabra.

Becker, L. (2018). *Articles in the world's languages*. PhD dissertation, Universität Leipzig.

Dayal, V. (1991). Determining (In) definiteness in the absence of articles. *Proceedings of Triple A 3*(2017), 85-99.

Enç, M. (1991). The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, 1-25.

Haspelmath, M. (1997). *Indefinite pronouns*. Oxford: Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory.

Simonenko, A. (in press). Full vs. Clitic vs. Bound determiners. Manuscript.

# Observando aspectos de nomes e verbos da Libras de maneira morfossintática

Igor Valdeci Ramos da Silva

UFSC

Aline Pizzio

UFSC

No campo de pesquisas sobre fenômenos linguísticos das línguas de sinais, as de Pizzio (2011), Lima (2012) e Chaibue (2013) foram dedicadas a evidenciar aspectos morfológicos da Libras e, em específico, a analisar aspectos inerentes a nomes e verbos na Libras. Ocorre que nenhuma destas investigações evidenciou algum componente estritamente morfológico que diferencie nomes e verbos como sugerido por Quadros e Karnopp (2004), em análise baseada em aspectos da língua americana de sinais (ASL), em que a reduplicação do parâmetro movimento (M) é associada à categoria gramatical (CG) do item lexical – nome (N) ou verbo (V) – por meio do processo morfológico de derivação.

Sendo assim, este trabalho teve por objetivo apresentar um recorte dos resultados preliminares da pesquisa de mestrado de Silva (em andamento), procurando observar, via morfossintaxe, se de fato o M não distingue nomes de verbos e se não existiria alguma outra característica, como o *mouthing* (morfema boca), que poderia diferenciar os sinais de diferentes CGs. O diferencial desta pesquisa para a de Pizzio (2011), por exemplo, é que os dados foram coletados em *corpus* de produção espontânea da Libras, com base nos mesmos pares utilizados pela autora.

No que diz respeito a metodologia e constituição do *corpus*, foram selecionados vídeos do projeto Inventário da Libras, do projeto *Corpus* da Libras – UFSC, pois estes apresentam vídeos com temas (Conversação Livre, Conversação sobre Tecnologia) em que os sinalizantes produzem a língua de forma espontânea. Para obtenção dos dados, foram utilizados sinais obtidos em sintagmas (chamados na pesquisa de Unidade Sintática – US) de produções sinalizadas já transcritas com o software ELAN e disponíveis no site do projeto *Corpus* da Libras. Foram também criadas trilhas adicionais para adicionar informações que dizem respeito à pesquisa, como *Unidade Sintática*, *Categoria Lexical*, *Tipo de Movimento*, *Mouthing*, *Tipo de Mouthing*, seguindo as convenções sugeridas no manual de transcrição disponível na página do projeto.

A coleta inicial, que corresponde aos dados aqui apresentados, foi realizada de forma exploratória, ou seja, a busca era feita vídeo a vídeo com o intuito de obter algum par de Pizzio (2011). Cinco vídeos apresentaram um par de sinal que constituiu a amostra inicial da pesquisa: TELEFONE/TELEFONAR.

Para Quadros e Karnopp (2004), as categorias gramaticais devem ser distintas pelo tipo de movimento, sendo o verbo o que apresentaria um movimento longo e o nome o que apresentaria dois movimentos curtos e repetidos.

No total, 15 (quinze) sinais foram encontrados para a análise, sendo 9 (nove) nomes e 6 (seis) verbos, com as respectivas CGs determinadas por sua posição sintática na US (verbo, selecionador de argumentos, nome, selecionado por algum verbo). Todas as 15 ocorrências dos sinais, tanto TELEFONAR quanto TELEFONE ocorrem com um movimento longo para o sinal. O *mouthing* ocorreu apenas em 1 (um) sinal, com a seguinte oralização "telefo" de forma que não pode ser associado a nenhuma CG, pois o restante da oralização da palavra em português poderia ser determinante para a distinção.

As tabelas de US no quadro a seguir demonstram a irregularidade na distinção entre nomes e verbos associada ao parâmetro movimento, já que os sinais, mesmo sendo um verbo e um nome, apresentam o mesmo tipo de movimento.

Unidade Sintática 7 <sup>1</sup>			Unidade Sintática 8 <sup>2</sup>		
NAO-TER	TELEFONE		IX(eu)	TELEFONAR	
	2SinaisD [128]			1SinaisD [218]	
	2SinaisE [66]			1SinaisE [177]	
	Declarativa			Declarativa	
	2Unidade Sintática [2]			1Unidade Sintática [1]	
	2Categoria Lexical [7]	Nome		1Categoria Lexical [1]	Verbo
	2Tipo de Moviment [2]	1 longo		1Tipo de Moviment [1]	1 longo
	2Mouthing [2]	telefo		1Mouthing [1]	e

Fonte: quadro elaborado pelos autores

Na US 7, TELEFONE aparece como NP (*nominal phrase*/sintagma nominal) em uma sentença com verbo existencial. O movimento é único e longo. Logo, só é possível saber que o sinal é um verbo por conta da posição sintática. Já na US 8, o sinal TELEFONAR é o núcleo do sintagma e ocorre com um movimento longo, conforme apresentado por Quadros e Karnopp (2004).

Deste modo, os resultados, até ao momento, corroboram com pesquisas como a de Pizzio (2011) de que na Libras não há distinção lexical, entre nomes e verbos, em que se pode afirmar que a derivação é o processo responsável pela distinção.

Em seu atual estágio, o *corpus* da pesquisa está sendo expandido a fim de encontrar outros pares de sinais. Para isto, um banco de dados de transcrições dos vídeos selecionados foi criado, para que a ferramenta *FastSearch* apresente os resultados sinal a sinal. Até ao momento já foram encontrados oito pares de sinais, com no mínimo de 15 (quinze) ocorrências para cada sinal se constituir a amostra de dados e posterior análise, que deve corroborar as evidências aqui apresentadas, conforme o que já foi observado na expansão da coleta.

Esta análise, ainda que preliminar, suscita a necessidade de realização de futuras investigações que descrevam a arquitetura gramatical da Libras, no que diz respeito à morfologia, de perspectivas teóricas como uma abordagem não-lexical, devido à falta de características morfofonológicas evidentes, já que o parâmetro M não é um componente que distingue as categorias.

Palavras-chave: Libras; Morfologia; Morfossintaxe; Nomes e verbos.

#### Referências bibliográficas

- Chaibue, K. (2013). *Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Lima, H. J. (2012). *Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Pizzio, A. L. (2011). A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Quadros, R. M., & Karnopp, L. (2004). *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.

---

<sup>1</sup> Contém hyperlink para o vídeo da realização do sinal

<sup>2</sup> Contém hyperlink para o vídeo da realização do sinal

# Produção morfossintática em LIBRAS: ensino e avaliação a ouvintes sinalizantes de L2

Lídia da Silva

UFPR

O processo de aquisição da Libras, segundo Gesser (2006), torna-se, por vezes, muito difícil aos ouvintes, devido à grande distância linguística entre o português (uma língua de modalidade oral) e a Libras (uma língua de modalidade visuo-manual). Resultado disso é que, empiricamente, constata-se que a maioria dos ouvintes sinalizantes de Libras como segunda língua (L2) alcança um nível de fluência inferior ao que se costuma esperar.

Acreditamos que uma forma de minimizar essa problemática seja proporcionar a tais aprendizes o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre os verbos da Libras já que a sensibilidade à estrutura morfossintática da língua pode se constituir como um fator preditor do seu desempenho linguístico.

Para tratar disso, assumimos que a constituição morfossintática da Libras contém a tipologia de Padden (1988) a qual aborda verbos simples, de concordância e espaciais e a presença de traços identificatórios de verbos manuais como sendo icônicos, gestuais e representativos. Tais características são extraídas de Felipe (2007), Leal (2011), Faria-Nascimento e Correia (2011), McCleary e Viotti (2011) e Dudis (2008).

De posse desse constructo, engajamo-nos em uma área bastante incipiente na linguística que é o desenvolvimento da consciência dos aspectos morfológicos e sintáticos em aprendizes de L2. Se os estudos acerca das habilidades metalinguísticas são em número insuficientes em línguas orais, como o português, o que dizer em relação a Libras cujas pesquisas são ainda mais recentes? Neste sentido, este trabalho inaugura a reflexão e deixa algumas sugestões de tarefas que levam ao desenvolvimento da consciência morfossintática no aprendiz ouvinte, entendendo que se trata de uma habilidade metacognitiva que solicita a reflexão consciente e a manipulação intencional quanto aos aspectos sintáticos e morfológicos da língua (Correa, 2005).

Partindo do pressuposto de que contextos de ensino formal de Libras como L2 para ouvintes carecem de sistematicidade na avaliação do desempenho linguístico dos aprendizes, apresentamos uma possibilidade de análise da produção que parte da "acurácia" como uma variável determinante.

O conceito de acurácia adotado para esta investigação é da precisão gramatical na expressão de estrutura específica (Brumfit, 2000). No nosso caso, tratam-se dos verbos simples, de concordância, espaciais e manuais. Adotamos também a ideia de que as referidas avaliações devem ser feitas a partir de sinalização de narrativas produzidas pelos ouvintes e registradas em vídeos (Quinto-Pozos, 2011). Pensamos que as avaliações podem gerar resultados qualitativos e podem ser categorizadas em 3 tipos: sinalização precária, mediana ou satisfatória. Aventamos ainda que tais avaliações devem repercutir em aprendizado ao alunos através do *feedback* corretivo feito pelo professor (Vidal, 2007).

Assim, o presente estudo que é de caráter teórico-reflexivo, tem o objetivo de apresentar uma discussão sobre a produção morfossintática em Libras e propor encaminhamentos pedagógicos concernentes ao seu ensino e avaliação a ouvintes aprendizes de L2.

Apesar de exploratório, o trabalho tem como pano de fundo uma hipótese interpretativa de que há uma causalidade recíproca entre consciência morfossintática e desempenho na sinalização e por conta disso, visa levantar a discussão e trazer o tema à agenda da pesquisa linguística.

Palavras-chave: produção morfossintática; LIBRAS; ensino de LIBRAS; avaliação de LIBRAS; ouvintes sinalizantes de L2.

#### Referências bibliográficas

- Brumfit, C. (2000). Accuracy and fluency: The basic polarity. In H. Riggensbach (Ed). *Perspectives on fluency*(61-73). Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Correa, J. (2005). A avaliação da consciência morfossintática na criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n. 1, 91-97.
- Dudis, P. (2008). *Tipos de representação em ASL* (159-190). Petrópolis: Editora Arara Azul.
- Faria-Nascimento, S. P., & Correia, M. (2011). *Um olhar sobre a morfologia dos gestos*. Lisboa: UCP.
- Felipe, T. A. (2007). *Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante*. (8.º ed.) Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora.

- Gesser, A. (2006). *“Um olho no professor surdo e outro na caneta”*: ouvintes aprendendo a *Língua Brasileira de Sinais*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Leal, C. L. (2011). *Estratégias de referência na produção escrita de alunos surdos*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Mccleary, L., & Viotti, E. (2011). Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas online – atemática*. V. 1, PPG Linguística/UFJF. Juiz de Fora.
- Padden, C. A. (1988). *Interaction of morphology and syntax in American Sign Language*. New York/London: Garland Publishing.
- Quinto-Pozos, D.(2011). Teaching American Sign Language to hearing adult learners. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 31, 137-158.
- Vidal, R. T. (2007). Ensino-Aprendizagem de Foco na Forma: Retorno ou Recomeço? *The ESPECIALIST*, v. 28, n. 2.

# PÓSTERES



# Promoção da acessibilidade em sites institucionais: uma experiência no instituto federal da paraíba

Samuel França  
Halysson Brito  
Rafael Silva

IFPB  
IFPB  
IFPB

Este projeto apresenta como objetivo implementar e pesquisar os métodos utilizados no processo tradutório como também analisar os principais resultados dessa prática que promove o acesso ao povo surdo que muitas vezes se encontram *off-line* do mundo virtual e das informações expostas nesses ambientes, visto que a maioria das pessoas surdas não compreende a língua escrita de seu país e utiliza a língua de sinais para a comunicação.

De modo geral, ratificaremos certamente a necessidade de profissionais tradutores e intérpretes de língua de sinais não só atuando em contextos de interpretações em sala de aula mediando as informações entre aluno-professor, como também a presença desse sujeito como intermediador entre as informações nos ambientes institucionais virtuais e o sujeito surdo.

É de competência do poder público garantir a inclusão e acessibilidade da pessoa com deficiência, sabendo disso foram pesquisadas e analisadas as informações contidas no site do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e realizado um mapeamento com entrevistas aos estudantes surdos referentes às funcionalidades que eles consideram de maior relevância. Neste âmbito, foi organizada uma ordem cronológica para execução da tradução de acordo com sua importância baseando-se nas respostas dos discentes e surdos da região paraibana.

Tabela 01 – Tabela de mapeamento das funcionalidades do site

Ordem de relevância	Tema
1º	Editais de processos seletivos em geral
2º	Perfis profissionais dos cursos oferecidos
3º	Vídeos promocionais da TV - IFPB
4º	Legislação, normativas e etc.

Fonte: Samuel França (2017)

Uma vez realizado o mapeamento foram feitos estudos dos sinais institucionais e técnicos presentes nos textos, sendo feitas buscas a fim de encontrar os mais utilizados na região de abrangência do instituto e, logo em seguida, escolhidos os mais citados pela comunidade surda. Esta tarefa tornou-se necessária, pois os intérpretes não são especialistas em todas as áreas do conhecimento; portanto, existem alguns sinais específicos de determinados campos que os mesmos desconhecem.

Figura 1: Tradução do edital do PSCT 2018 do Instituto Federal da Paraíba (IFPB)



Fonte: TV IFPB, Disponível em: <https://youtu.be/835scy3CFgl>

Após os processos mencionados, foram realizadas a partir da vigência desse projeto diversas traduções. Em destaque (Fig. 1 e Fig. 2), se encontram as traduções dos editais dos processos seletivos para os cursos do instituto e a dos perfis profissionais dos mesmos. Como esperado, registou-se um grande aumento no número de candidatos com deficiência auditiva, traduzindo-se num crescer do quantitativo de estudantes surdos e intérpretes de libras na instituição.

Além disso, os vídeos traduzidos dos perfis profissionais tiveram como fundo uma imagem que representasse o curso e mergulhasse o receptor da informação o máximo possível na sinalização.

Figura 2: Perfil profissional em libras do curso de gestão ambiental (IFPB – Campus João Pessoa)



Fonte: Canal Audiovisual IFPB  
campus João Pessoa, Disponível em  
<https://www.youtube.com/watch?v=dBI9zriilHO>

O instituto conta com cerca de 40% de suas páginas já traduzidas e implementadas. Atualmente todo edital de processos seletivos é lançando simultaneamente com sua versão em libras e os seus profissionais flexibilizam suas rotinas de trabalho entre sala de aula, estudos e traduções. Durante nossos estudos e reuniões, achamos conveniente utilizarmos estratégias de tradução que possibilitem o surdo de ter contato tanto com a cultura ouvinte como também se sentisse familiarizado com sua identidade, pelo que para isso utilizamos estratégias como aclimação, explicação, topicalização, entre outras.

Figura 3: Página do site do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) com janela em libras



Fonte: Instituto federal de ciência e tecnologia da paraíba, Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/institucional/sobre-o-ifpb>

Buscando facilitar a interação com a plataforma foi solicitado à equipe de tecnologia da informação do instituto a implantação de um botão de cor azul escrito *Disponível em Libras* e de um ícone que tivesse iconicidade visual com a libras ao lado do texto dos perfis profissionais para que o clique do usuário gere uma tela sobre o fundo da página com a sinalização do tradutor intérprete de libras da informação contida na tela.

Figura 4: Sequência de imagens demonstrando a utilização da plataforma



Fonte: Instituto Federal da Paraíba, Disponível em: <https://estudante.ifpb.edu.br/cursos/43>

Palavras-chave: Implementar traduções da língua brasileira de sinais; Libras em sites; Acessibilidade virtual.

# A relação entre o professor surdo e o aluno ouvinte dentro da universidade e instituto: um olhar através da Linguística Aplicada

Geraldo Lima Júnior  
Karine Venceslau  
Vanessa Nogueira  
Fabio Nogueira

IFCE  
IFCE  
UNILAB  
UFC

A presente pesquisa parte do seguinte questionamento: como se constrói a relação entre o ouvinte com o mundo da surdez no processo de ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no âmbito do ambiente acadêmico?

Se, por um lado, o reconhecimento da Libras fornece uma identidade cultural para os seus sujeitos que, diga-se de passagem, são seres que estão a caminho da sociedade; por outro lado, esse reconhecimento é uma ameaça desestabilizadora às noções de língua e cultura implantadas em posições não mutáveis e influentes. Isso porque a língua, na Libras, é fundamentalmente concebida como um código vocal-auditivo e não viso-gestual, fato criticado pelos estudos de base linguística.

Um exame superficial da literatura sobre as linguagens aponta que a linguística de base formal se sente ameaçada por todos esses fenômenos que de algum modo não se encaixam em seu acalentado modelo de identidade e língua natural, perfeita e de modo pleno totalizado. De natureza bibliográfica, tal investigação toma como aporte teórico os estudos de Ferro (2000), André, (2005), Nascimento e Bezerra (2012), entre outros. Os resultados apontaram para o fato de que a relação entre professor surdo e aluno ouvinte é complexa, principalmente, pelo choque cultural e de formação da identidade, com o aluno ouvinte que tende a associar a LIBRAS com a Língua Portuguesa, o que dificulta sua aprendizagem.

Palavras-chave: Libras; Surdo; Professor.

## Referências bibliográficas

- André, M. E. D. A. (2005). *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líber Livro.
- Bakhtin, M. (Volochinov)(2004). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M.(2016). *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas a edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34.
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A.(2002). *Metodologia científica*. (5.ªed.) São Paulo: Prentice Hall.
- Danna, M. F.,& Matos, M. A. (2006). *Aprendendo a observar*. São Paulo: Edicon.
- Erickson, F. (2001). Prefácio. In M. I. P. Cox, A. A. Assis-Peterson (orgs), *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras.
- Ferro, M. A. (2000). *A relação entre professor surdo e aluno ouvinte: como se constrói a diferença dos papéis*. Campinas: UNICAMP.
- Fino, C. N. (2003). A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais.. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf> [Consultado em 03/08/2016].
- Gesser, A. (2006). *"Um olho no professor surdo e outro na caneta": ouvintes aprendendo a língua de sinais*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas . Instituto de Estudos da Linguagem.
- Gonçalves, H. B., Festa, P. S. V. (2013). Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. Ensaios Pedagógicos - *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades – OPET*.
- Huhne, L. (1992). Metodologia Científica. *Cadernos de Textos e Técnicas*, Rio de Janeiro: Agir.
- Lima, M. A. S., Souza, M. F. N., & Bruce, C. C. (2013). Aluno surdo x professor ouvinte: retrato do processo de inclusão dos surdos na rede regular de ensino do município de Cruzeiro Do Sul-Acre. *VIII Encontro Da Associação Brasileira De Pesquisadores Em Educação Especial*, Londrina.
- Marconi, M. A.,& Lakatos, M. E. (2006). *Metodologia do trabalho científico*. (6.ª ed.) São Paulo: Saraiva.

Nascimento, M. V. B., & Bezerra, T. C. (2012). Dupla docência no ensino de língua brasileira de sinais: interação surdo/ouvinte em perspectiva dialógico-polifônica. *ReVEL*, v. 10, n. 19.

Quadros, R. M. (2017). *Língua de Herança: Língua brasileira sinais/Ronice Müller de Quadros*. – Porto Alegre: Penso.

Quadros, R. M. (2004). *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos/Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp*. – Porto Alegre: Artmed.

# Nomes e Verbos na Língua Brasileira de Sinais: uma reflexão sobre as características distintivas.

Fabiane Elias Pagy  
Walkíria Neiva Praça

Univ. Brasília  
Univ. Brasília

O termo Universais Linguísticos refere-se às propriedades comuns entre as línguas humanas. Em outras palavras, diz respeito às características presentes em todas as línguas existentes no mundo. Para Croft (2003) “os universais linguísticos refletem uma crença de que existem propriedades definidoras essenciais que valem para todas as línguas”. Salles et al (2007) apontam que esses universais aplicam-se também às Línguas de Sinais da mesma forma que às línguas orais, sendo as diferenças basicamente em função da modalidade de língua, que na primeira é viso-espacial (utiliza-se do espaço para sua execução, demonstrando a característica tridimensional da língua), enquanto na segunda é oral-auditiva (dependente do sistema fonoarticulatório e da combinação de sons para sua articulação). Entre esses universais, Salles et al (2007) apontam, com base nos estudos de Fromkin e Rodman (1993), que um desses universais é o de que todas as línguas apresentam categorias gramaticais, como nomes e verbos, por exemplo.

O objetivo deste trabalho é apresentar as características morfossintáticas e semânticas que distinguem as categorias de nomes e verbos na Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, com base em um estudo funcionalista inspirado por autores como Givón (2001), Croft (2003) e Payne (2006), que conceituam e apresentam as características necessárias para essa categorização nas línguas do mundo.

Na Libras, Quadros e Karnopp (2004) dizem existir tais categorias, mas não aprofundam tal explicação. Pizzio (2011) afirma a existência dos universais linguísticos, principalmente no que tange às categorias de nomes e verbos, mas não apresenta os critérios de categorização para a Libras. Lima (2012) afirma que essa distinção, na Libras, ocorre principalmente no parâmetro movimento, enquanto Chaibue (2013) apresenta esses dados, mas discorda quanto à afirmação sobre o parâmetro movimento e deixa um questionamento sobre quais seriam, de fato, os critérios que diferenciam as referidas categorias.

Este estudo trata então de uma reflexão e uma discussão inicial dos dados da Libras, mais especificamente dos dados apresentados por Pizzio (2011), Lima (2012) e Chaibue (2013), contrastando-as com as características e os critérios semânticos, morfológicos e sintáticos apresentados por Givón (2001), com a finalidade de contribuir com uma reflexão profunda a respeito desses critérios para uma melhor compreensão dos processos morfossintáticos envolvidos na categorização dos sinais da Libras como sendo nomes ou verbos. Além disso, essa reflexão nos auxilia para uma melhor descrição da língua, contribuindo para a construção de uma gramática da Língua Brasileira de Sinais.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; Morfossintaxe; Categorias Gramaticais; Nomes; Verbos.

#### Referências bibliográficas

Crystal, D. (2008). *A dictionary of Linguistics and Phonetics*. (Sixth Edition). Oxford: Blackwell Publishing.

*Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. [Consultado em 20/05/2019].

*Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. [Consultado em 20/05/2019].

Chaibue, K. (2013). *Universais Linguísticos Aplicáveis às Línguas de Sinais: Discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Goiânia.

Chomsky, N. (1957). *Syntactic structures*. Montoun: The Hague.

Croft, W. (2003). *Typology and Universals*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press.

- Dubois, J, Giacomo, M., Guespin, L., Marcellesi, C., Marcellesi, J. B., & Mevel, J. P. (1973). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Farrel, P.(2005). *Grammatical Relations*. Oxford: Oxford University Press.
- Ferreira-Brito, L. (1990). *Estrutura Linguística da Libras*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Ferreira-Brito, L. (1995). *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia.
- Givón, T. (2001). *Syntax: Na introduction*. Volume I. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Gesser, A. (2009). *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade Surda*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Lima, H. J. (2012). *Categorias Lexicais na Língua Brasileira de Sinais: nomes e verbos*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Goiânia.
- Negrão, E., Scher, A, & Viotti, E. (2002). Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In J. Fiorin (org.) *Introdução à Linguística*. Vol. II. São Paulo: Editora Contexto.
- Pagy, F. E. (2012). *Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília.
- Payne, T. E. (2006). *Exploring Language Structure. A Student's Guide*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pizzio, A. L. (2011). *A Tipologia Linguística e a Língua de Sinais Brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Quadros, R. M. (2019). *Libras. Coleção Linguística para o Ensino Superior, volume 5*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Quadros, R. M., & Karnopp, L. B.(2004). *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.

- Quadros, R. M. et al. (2009). *Língua Brasileira de Sinais I, Texto-base*. Florianópolis: UFSC.
- Quadros, R. M., & Stumpf, M. R. (orgs.)(2018). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Volume IV. Florianópolis: Editora Insular.
- Quadros, R. M., Stumpf, M. R., & Leite, T. A (orgs.)(2013). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Volume I. Florianópolis: Editora Insular.
- Sautchuk, I. (2010). *Prática de Morfossintaxe. Como e por que aprender análise (morfo)sintática*. (2ª Ed.).São Paulo: Editora Manole.
- Shopen, T. (2007). *Language Typology and Syntactic Description*. Volume I: Clause Structure. (Second Edition). Cambridge: Cambridge University Press.
- Spencer, A. (2008). *Morphological Theory (An Introduction to Word Structure in Generative Grammar)*. (Trad. Maria Cristina Figueiredo Silva). Oxford & Cambridge, MA: Basil Blackwell.
- Stokoe, W. C. (1978). *Sign Language structure*. Silver Spring: Linstok Press.
- Strobel, K. L., & Fernandes, S. (1998). *Aspectos Linguísticos da Libras*. Curitiba. SEED/SUED/DEE.

## O corpo como elemento anafórico

Charridy Max Fontes Pinto

IFAL

Ana Nascimento Pinto

UFAL

A Língua Brasileira de Sinais, doravante libras, bem como as demais línguas de sinais existente ao redor do mundo, passou a ser vista como língua natural a partir dos estudos do linguísta estadunidense William Stokoe (1960). Ele comprovou, a partir de análises fonológicas e morfológicas, que a língua de sinais americana (ASL) era uma língua constituída por uma estrutura gramatical tão complexa como as línguas orais. Sendo, portanto, uma língua natural, a libras é passiva de análise linguística em qualquer nível seja, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, bem como a investigação em qualquer corrente linguística seja análise do discurso, sociolinguística, aquisição da linguagem dentre outras.

A libras é composta por sinais. Estes, por sua vez, são constituídos por parâmetros. Os parâmetros na libras são cinco: configuração de mão (CM), Movimento (Mov), Localização (Loc) ou Ponto de Articulação (PA), Expressões Não-Manuais (ENM) e a Orientação da Mão (Or). De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 53), as configurações de mão “referem-se apenas as manifestações de superfície, isto é, de nível fonético encontradas nas línguas de sinais”. Assim, no nível fonético, esse parâmetro diz respeito aos diversos formatos que a mão realiza para fazer o sinal. O parâmetro do movimento, para essas autoras, são os deslocamentos que a mão realiza no espaço, como os direcionamentos internos dos dedos e do pulso. O ponto de articulação, de acordo com as pesquisadoras, são os locais, no corpo ou no espaço, onde o sinal está vinculado. A orientação de mão é o parâmetro pelo qual a palma da mão aponta para cima ou para baixo, ou de lado, ou diagonal, vertical ou horizontal. Por fim, o parâmetro das expressões não-manuais, que as autoras definem como sendo as expressões de rosto, movimentos de cabeça e de tronco. É sobre esse último componente – o movimento de tronco – que recai a nossa investigação na tentativa de atestar qual é a contribuição do corpo para a arquitetura textual.

Posto isto, a presente pesquisa visa investigar de que forma o corpo participa no arcabouço textual sinalizado. Para tanto, recorreremos a autores da Linguística Textual como Kock (2007), Fávero et al (1983), Lackner (2018), Jansen (1999) e Marcuschi (2008) dentre outros a fim de que com suas explicações possamos descrever o processo textual desencadeado pelo corpo do sinalizante. A metodologia adotada baseia-se na análise de vídeos de surdos em situação real de uso bem como de vídeo-aulas em libras. Portanto, constatou-se como resultado que o corpo tem participação relevante no processo de construção textual por anáfora e/ou manutenção do tópico/tema do texto sinalizado.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; Linguística Textual; Referenciação.

#### Referências bibliográficas

Fávero, L. L., Kock, I., & Villaça, G. (1983). *Linguística Textual: introdução*. (2ª ed.). São Paulo: Cortez.

Kock, I. V., & Elias, V. M. (2007). *Ler e escrever: estratégias de produção textual* (2ª ed. 1ª reimp.). São Paulo: Contexto.

Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

# A alteração de subtraços do movimento e os processos flexionais e derivacionais em LIBRAS.

Anderson Almeida Silva  
Jó Freitas

UFPI  
UFPI

Este trabalho investiga em que medida os subtraços do (parâmetro) movimento em língua brasileira de sinais - libras são produtivos para estabelecer o contraste entre sinais. Utilizando a classificação tradicional dos parâmetros descrita por Stokoe (1960 e outros autores) e o modelo de segmentação proposto por Liddell e Johnson (1989) aplicado à libras por Xavier (2006), selecionamos 135 *possíveis* pares mínimos de sinais em libras, nos quais, todos os traços segmentais e articulatórios eram semelhantes, exceto para os subtraços relacionados ao movimento. Tomamos como fonte para seleção dos sinais, o maior registro lexicográfico da libras, o *Dicionário da língua de sinais do Brasil: a libras em suas mãos* (Capovilla et al., 2017) contendo 13.000 verbetes. Buscamos no dicionário sinais que exibissem alguma diferença mínima na realização dos subtraços de movimento, de forma a encontrar *possíveis* pares mínimos destes. Nos exemplos a seguir, vemos que a diferença entre os pares de sinais encontra-se nos subtraços do movimento, mas não no traço básico do segmento movimento em si. Nos pares (1) e (2), a diferença está nos traços de qualidade temporal do sinal, respectivamente, [prolongado] e [acelerado], já no par (3), a diferença é no traço de qualidade não-temporal, [longo].

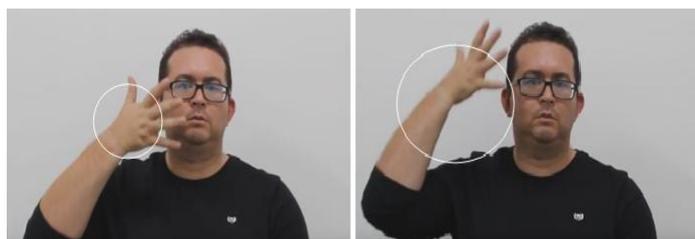
## (1) CEDILHA e COLOCAR-OBJETOS (postar)



## (2) HORRÍVEL e SUSTO



### (3) DISCURSO e PALESTRAR



Metodologia: Criamos uma tarefa de compreensão, um formulário on-line ([https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScViWfoLBwsDn2aqNj45ZSZ5HcQ0uzlk\\_gN1WH3nUu1oX\\_TYPw/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScViWfoLBwsDn2aqNj45ZSZ5HcQ0uzlk_gN1WH3nUu1oX_TYPw/viewform)) no qual os surdos após assistir aos pares de sinais, julgavam-nos como: distintos, iguais ou com pouca diferença, baseados numa escala de 3 pontos. Dos 135 pares de sinais apresentados, 106 foram classificados como sendo de campos semânticos distintos, como nos pares (1) e (2) acima, e 29 de campos semânticos semelhantes, como no par em (3). Essa separação em grupos nos permite analisar em que medida os pares avaliados como sinais diferentes refletem diferenças fonológicas, pois, assim como nas línguas orais, sua função é estabelecer a distinção entre palavras com significados diferentes, ou morfológicas, já que o subtraço teria a função de adicionar algum significado extra ao sinal-base, semelhante ao que ocorre nos processos flexionais, mas não necessariamente criariam um sinal com significados contrastantes. Esses processos de derivação de sinais a partir de flexões já tinham sido observados por Klima e Bellugi (1979), embora os autores, naquele momento, não se ativessem à fonologia dos sinais especificamente. Na ASL, por exemplo, o sinal de IGREJA, se alterado o movimento, pode passar a significar FANÁTICO, e ser utilizado inclusive para contextos não-religioso. Ou seja, a partir de um processo morfológicamente flexional, cria-se uma palavra semanticamente derivada (Klima, & Bellugi, 1979, p. 297, fig. 12.18). Para garantir que o participante só estivesse julgando a diferença entre o movimento dos sinais e não outros parâmetros, todos os pares de sinais foram apresentados sem a cabeça do sinalizador, ou, quando não era possível excluir a face, as marcas não-manuais eram realizadas neutralizadas. Essa manipulação do sinal nos permite confirmar ou refutar se somente o movimento seria suficiente para codificar as mudanças de significados nos sinais sejam estes de campos semânticos semelhantes ou diferentes. Um surdo proficiente em libras acompanhou e orientou todo o processo de filmagem dos sinais. Nesta testagem-piloto, os sinais foram gravados de forma isolada e considerando a variação na realização dos mesmos.

Os participantes selecionavam no questionário o seu perfil linguístico: surdos usuários frequentes de libras ou surdos usuários frequentes de libras+português, para investigarmos possíveis diferenças de compreensão dos sinais entre os grupos.

**Resultados:** Os resultados evidenciam uma diferença entre os grupos pesquisados. Os surdos usuários frequentes de libras consideram que dos 135 sinais apresentados, 71,8% são pares mínimos pois possuem significados diferentes, 6,6% são homófonos pois possuem significados iguais e 21,4% afirmam que a diferença é pouca ou inexistente. Já os surdos usuários frequentes de libras e português julgam que apenas 37,7% dos sinais apresentados são pares mínimos, 46,6% são sinais homófonos e em 15,5% dos sinais, a diferença entre eles é pouca ou inexistente. Vale ressaltar que como a tarefa apresenta sinais fora de contexto, não há previsão que os sinais julgados como homófonos possuam significados distintos, já que isso é possível nas línguas naturais.

**Conclusões:** Os números confirmam que os subtraços do movimento, a despeito da diferença entre os grupos, é produtivo para estabelecer a distinção entre os sinais em libras, ou seja, os subtraços, considerados também como sub-parâmetros se comportam como fonemas, e não apenas traços constitutivos dos segmentos. Além disso, a análise mostra que a língua explora os subtraços de movimento para criar a diferença entre os sinais. Ou seja, as línguas de sinais exploram mecanismos morfológicamente flexionais para criar sinais semanticamente derivados.

Os números que indicam uma inconsistência na diferença entre o significado dos pares de sinais, revelam que o sinal pode estar em processo de diferenciação, ou que o movimento isoladamente não é suficiente para estabelecer o contraste, que pode se desambiguar com o uso de outros parâmetros e do contexto discursivo. Em análises futuras, devemos considerar os mesmos sinais em uso para observar possíveis efeitos na descrição fonológica, bem como investigar as diferenças de julgamento apresentadas pelos surdos monolíngues e bilingues. Esta análise evidencia que a modificação do movimento na libras, típica de processos flexionais, pode criar sinais derivados.

**Palavras-chave:** microparâmetros; fonologia; processos morfológicos; LIBRAS.

## Referências bibliográficas

- Capovilla, F. C., Raphael, W. D, Temoteo, J. G., & Martins, A. C. (2017). *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos*. 3 volumes. São Paulo: Edusp.
- Klima, E. S., & Bellugi, U. (1979). *The signs of language*. Harvard University Press.
- Liddell, S. K., & Johnson, R. E. (1989). American sign language: The phonological base. *Sign language studies*, 64(1), 195-277.
- Stokoe Jr, W. C. (2005). Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *Journal of deaf studies and deaf education*, 10(1), 3-37.
- Xavier, A. N. (2006). *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)*, Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo.

apoios



organização

